

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

CRISTIANO MACHADO LINS DA SILVA

**Conhecimentos de Terreiro de Candomblé na Educação
Básica**

Águas Lindas de Goiás - GO
2022

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Cristiano Machado Lins da Silva

Matrícula: 20191140050190

Título do Trabalho: **Conhecimentos de Terreiro de Candomblé na Educação Básica**

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- I. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- II. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- III. Cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.



Documento assinado digitalmente
CRISTIANO MACHADO LINS DA SILVA
Data: 10/01/2023 09:08:46-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Data

Águas Lindas de Goiás, 10 / 01 / 23 .

Local

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

CRISTIANO MACHADO LINS DA SILVA

Conhecimentos de Terreiro de Candomblé na Educação Básica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto Federal de Goiás – Câmpus Águas Lindas
como requisito necessário para a obtenção do título de
licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Rafael de Melo Monteiro

Águas Lindas de Goiás - GO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S586c Silva, Cristiano Machado Lins da

Conhecimentos de terreiro de candomblé na educação básica
[recurso eletrônico] / Cristiano Machado Lins da Silva. -- 2022.
Dados eletrônicos (1 arquivo).
58 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Rafael de Melo Monteiro.
Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências
Biológicas) - Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Goiás, *campus* Águas Lindas, 2022.
Modo de acesso: World Wide Web.
Arquivo de texto em formato PDF.
Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br>.

1. Etnobiologia. 2. Candomblé. 3. Liberdade de consciência.
4. Educação. I. Título. II. Monteiro, Rafael de Melo, orient.

CDD 570.7



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS

TERMO DE APROVAÇÃO

CRISTIANO MACHADO LINS DA SILVA

CONHECIMENTOS DE TERREIROS DE CANDOMBLÉ NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas de Goiás como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas, sob a orientação do Prof. Rafael de Melo Monteiro

Aprovado em 15 de Julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Rafael de Melo Monteiro

Orientador(a)

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Fernanda Keley Silva Pereira Navarro

Docente do Departamento

(assinado eletronicamente)

Prof. Esp. Dirceu Luiz Hermann

Avaliador Convidado

Documento assinado eletronicamente por:

- **Fernanda Keley Silva Pereira Navarro**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/01/2023 18:17:26.
- **Dirceu Luiz Hermann**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/01/2023 15:37:51.
- **Rafael de Melo Monteiro**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/01/2023 13:58:34.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 11/01/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 363817

Código de Autenticação: 4c24208092



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Rua 21, Área Especial 4, Jardim Querência, ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS / GO, CEP 72910-733
(61) 3618-9854 (ramal: 9854)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à Olorun, que é a causa de tudo na existência, aos meus Orisás pela minha vida, em especial por Omolu que me guarda e me cura a cada dia e me permitiu sair das fábricas de gelo, restaurantes, bares, baias de cavalo e funerárias para chegar à posição de formando no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

À minha avó, Maria, por ter me criado em parte da vida e ter me mostrado a importância da sabedoria popular, a senhora não pôde estar aqui para presenciar este momento, mas tenho certeza que a senhora se orgulha muito deste percurso, aí do Orún.

À minha mãe Nilva pelo o apoio e pela ajuda, sem sua força de vontade não estaria aqui hoje, literalmente. Espero que este seja o primeiro passo, pois quero te dar muito orgulho.

À minha esposa Julie, por toda paciência, dedicação e ajuda, sem você eu não teria conseguido, obrigado por me incentivar e dar todos os puxões de orelha que precisei para que este momento se realizasse. Você me mostrou que eu mereço mais do que acreditava merecer, sem seu estímulo não teria ido tão longe, essa vitória é nossa.

Agradeço à minha Iyalorixá Azoanylá (Vanádia) pela paciência, sei que ando meio ausente da roça, mas está acabando, sério mesmo. A senhora está se formando também, espero que possamos a partir disso, construir um futuro melhor para o Asé Tawagybô e manter viva a memória e os ensinamentos de Mãe Tawagy.

Às crianças que fazem parte da minha vida, muito do que está nesta pesquisa foi para vocês, espero que encontrem uma escola acolhedora e que respeite nossa fé.

Agradeço às pessoas que me compreenderam pelos momentos de ausência para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao professor Rafael de Melo Monteiro, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. Seus apontamentos cirúrgicos foram de grande valia.

Aos professores, Tiago Araújo, Herick, Dirceu, Talita, Nilson e Fernando pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no processo de formação profissional ao longo do curso.

Aos professores, Thiago Rezende, Fernanda, Bruno, Nilson e Raphael Matias por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

Como disse uma vez: “me sinto sortudo, pois encontro em cada professor que tenho um pouco do profissional que quero ser no futuro”.

À todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

Conhecimentos de Terreiro de Candomblé na Educação Básica

CRISTIANO MACHADO LINS DA SILVA

professor.cristiano.machado@gmail.com

Orientador: Rafael de Melo Monteiro

rafael.monteiro@ifg.edu.br

Resumo

O trabalho a seguir refere-se ao uso da etnobiologia para o ensino das ciências em escolas de educação básica, com enfoque na abordagem das metodologias de ensino aplicadas às casas de candomblé. Objetiva compreender as possibilidades de articulação entre os conhecimentos da etnobiologia e os dos terreiros de candomblé, a fim de apontar a aplicação dos mesmos na educação básica, rumo ao combate à intolerância religiosa. Espera-se tratar a ciência a partir de uma perspectiva mais dinâmica, no sentido de promover ações de valorização da preservação do meio ambiente, estabelecendo relações entre a importância dele para a melhoria da qualidade de vida dos estudantes. Os temas foram direcionados para o aspecto científico e nele são abordados os conceitos relacionados à educação ambiental, taxonomia e botânica fazendo um paralelo sobre a importância destas matérias para o povo de santo. Apresentou-se uma abordagem direcionada aos problemas que os estudantes inseridos em terreiros de candomblé enfrentam no ambiente escolar, problemas ligados ao preconceito contra crianças e adolescentes foram apontados de forma direta mostrando os impactos negativos que essas ações exercem no desenvolvimento destes estudantes.

Palavras-chave: Candomblé; Educação; Racismo; Biologia; Ciência.

Abstract

The following work refers to the use of ethnobiology for the teaching of science in basic education schools, focusing on the approach of teaching methodologies applied to Afro-Brazilian religions houses. It aims to understand the possibilities of articulation between the knowledge of ethnobiology and that of the Afro-Brazilian religion take places, in order to point out their application in basic education, towards the fight against religious intolerance. It is expected to treat science from a more dynamic perspective, in the sense of promoting actions to value the preservation of the environment, establishing relationships between its importance for improving the quality of life of students. The themes were directed to the scientific aspect and in it are approached the concepts related to environmental education, taxonomy and botany, making a parallel about the importance of these subjects for the people of santo. An approach directed to the problems that students inserted in terreiros de candomblé face in the school environment was presented, problems related to prejudice against children and adolescents were pointed out directly, showing the negative impacts that these actions have on the development of these students.

Keywords: Afro-Brazilian Religion; Education; Racism; Biology; Sciences.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CANDOMBLÉ: EDUCAÇÃO, HIERARQUIA E PEDAGOGIA	10
2.1 Educação no Terreiro de Candomblé	16
2.2 Hierarquia de um terreiro de candomblé	21
2.3 Pedagogia e Oralidade	23
3. CONHECIMENTO TAXONÔMICO E BOTÂNICO NO AMBIENTE ESCOLAR E NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ	27
3.1 Educação Ambiental	28
3.2 Taxonomia	30
3.2.1 Taxonomia e os Orisás	34
3.2.2 A folhas e os Orixás	35
3.3 Botânica	36
4. PARALELO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO RELIGIOSA E CURRÍCULO ESCOLAR	40
4.1 Propostas de Projetos	50
4.2 Estudo Etnobotânico e Oralidade	52
5. CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	56

1. INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir refere-se ao uso da etnobiologia para o ensino das ciências em escolas de educação básica, com enfoque na abordagem das metodologias de ensino aplicadas às casas de candomblé. O texto trará em seu escopo orientações sobre a estrutura básica dos terreiros de candomblé em diferentes aspectos, visando proporcionar uma melhor orientação acerca do funcionamento de uma roça. Espera-se que tal análise ofereça melhor espaço de debate acerca das possibilidades propostas.

A escolha desse tema se justifica por estimular a troca de ideias que remetem a diferentes correntes de pensamento para elaborar ações positivas no sentido de somar na construção de um espaço de ensino democrático, no qual todas as formas de cultura, fé e etnias tenham seu espaço de fala garantido e seus saberes valorizados. Ademais, o tema abordará em determinados pontos, realidades sensíveis às quais os estudantes muitas vezes estão inseridos e que são ignorados por motivos diversos. Promover uma conversa sobre esse tema é enxergar sob uma outra perspectiva fatores que levam muitas crianças e jovens à problemas que impactam diretamente e de forma negativa o seu desenvolvimento pessoal.

Assim, as metodologias de ensino praticadas nos terreiros de candomblé podem agregar e melhorar a estrutura educacional atualmente fornecida na Educação Básica? Como o ensino da ciência corrobora para o ensino na roça de candomblé e como o ensino escolar absorve esse conhecimento na formação cidadã dessas crianças?

Os questionamentos são variados e provavelmente outros poderão surgir com o aprofundamento do tema. Considerando o caráter teórico da pesquisa a metodologia qualitativa será utilizada com base em revisão bibliográfica, pois assim será possível melhor embasamento para a proposição do tema em questão.

Destaca-se que o objetivo geral deste trabalho é compreender as possibilidades de articulação entre os conhecimentos da etnobiologia e os dos terreiros de candomblé, a fim de apontar a aplicação dos mesmos na educação básica, rumo ao combate à intolerância religiosa. Com isso, espera-se tratar a ciência a partir de uma perspectiva mais dinâmica, no sentido de promover ações de valorização da preservação do meio ambiente, estabelecendo relações entre a importância dele para a melhoria da qualidade de vida dos estudantes; buscar maior aproximação entre os alunos e as pesquisas, proporcionando a oportunidade de compreensão sobre a relevância das produções científicas para o enfrentamento de diversas questões concernentes à realidade daquela comunidade estudantil; indicar, ainda, a relação

entre as ciências, o candomblé e a natureza, valorizando as práticas integrativas entre diversas linhas de estudo no sentido de garantir a interdisciplinaridade e uma melhor absorção do conhecimento por meio de atividades de campo.

Assim, este trabalho possuirá três objetivos específicos, divididos em capítulos centrais que abordam os temas propostos, sendo que o último é dedicado à elucidação da temática principal.

O primeiro capítulo será dedicado à explicação da estrutura das roças de candomblé. Neste ponto a proposta será de proporcionar uma explanação sobre a doutrina, hierarquia, relação entre o sagrado e a natureza além de pontos relacionados à importância que o processo educativo possui para os que compartilham desta fé.

No segundo capítulo, os temas serão direcionados para o aspecto científico e nele são abordados os conceitos relacionados à educação ambiental, taxonomia e botânica fazendo um paralelo sobre a importância destas matérias para o povo de santo, isso será demonstrado por meio de breves explicações sobre os usos ritualísticos que são dados aos elementos naturais utilizados no ambiente religioso, com o enfoque na relação de entendimento do espaço sagrado que não se limita ao espaço dedicado ao culto em si. Ademais, neste capítulo será realizado um breve histórico sobre a estruturação da botânica como ciência do ponto de vista filosófico no sentido de valorizar a construção do pensamento científico.

No terceiro e último capítulo, apresentar-se-á uma abordagem direcionada aos problemas que os estudantes inseridos em terreiros de candomblé enfrentam no ambiente escolar, problemas ligados ao preconceito contra crianças e adolescentes serão apontados de forma direta mostrando os impactos negativos que essas ações exercem no desenvolvimento destes estudantes. Além disso, neste capítulo será realizado um paralelo sobre a possibilidade das práticas religiosas serem inseridas no ambiente escolar de forma a enriquecer os conhecimentos que ali são construídos; para tal, utilizar-se-á as políticas amparadas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e em outros textos jurídicos para a elaboração desta proposta no sentido de garantir um debate ético.

2. CANDOMBLÉ: EDUCAÇÃO, HIERARQUIA E PEDAGOGIA

A menos que optássemos pela inconsciência e pela alienação, não poderíamos viver sem memória ou com a memória do outro.

Joseph Ki-Zerbo

Existem alguns fatos que são importantes e que devem ser abordados para um melhor entendimento deste trabalho, principalmente os que cercam a origem do candomblé enquanto religião, pois alguns mitos se fazem presentes quanto a sua origem e sua estrutura, o que é comum, visto que existem diferentes abordagens históricas sobre os diversos costumes que cercam os povos de terreiro.

Importante destacar que para regulamentar e se entender o candomblé enquanto religião, este passou por diversas lutas, que se firmaram a partir da regulamentação estatal, conforme se verifica na fala de Gilberto Velho (2006, p. 239 - 240)¹:

É inegável que, para a vitória do tombamento, foi fundamental a atuação de um verdadeiro movimento social com base em Salvador, reunindo artistas, intelectuais, jornalistas, políticos e lideranças religiosas que se empenharam a fundo na campanha pelo reconhecimento do patrimônio afro-baiano. Havia um choque de opiniões que não se limitava internamente ao Conselho do IPHAN. (...) Pois a vitória foi muito difícil e encontrou fortíssima resistência. (...) os setores mais conservadores do Catolicismo baiano, e mesmo nacional, viam com maus olhos a valorização dos cultos afro-brasileiros.

Existe quem defenda que o candomblé foi fundado dentro das senzalas no período de escravidão, a partir de reuniões clandestinas organizadas pelos escravos que se encontravam para louvar o sagrado; porém, observa-se:

No Brasil colonial, as identidades coletivas dos africanos e seus descendentes se expressavam e se constituíam através da participação em formas institucionalizadas de organização social. As “nações” africanas – angola, jeje ou nagô – foram identidades construídas no contexto do tráfico de escravos, que definiram suas fronteiras umas em relação às outras valorizando signos diacríticos particulares para marcar diferenças entre elas. (PARÉS, 2006, p. 109).

Desta análise, observa-se divergência, uma vez que o número de escravos trazidos de regiões diferentes era muito alto e junto a eles uma série de costumes, línguas e cultos

¹ O antropólogo Gilberto Velho, em 1984, integrava o Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e foi o relator do processo de tombamento. Ele descreve, em seu artigo Patrimônio, negociação e conflito, suas impressões durante as deliberações de reconhecimento do Terreiro Casa Branca.

viriam de modo que não havia uma unificação entre esses povos que em sua terra natal eram muitas vezes inimigos.

Neste sentido, revela-se ainda que desde a origem existe uma série de cultos, nações e culturas a serem consideradas. Tal posicionamento justifica-se na fala de Mintz e Price (2003, p. 65, grifos nossos):

Eles eram acorrentados uns aos outros em comboios, amontoados nos calabouços úmidos das feitorias, espremidos entre os conveses de navios fétidos, **frequentemente separados de seus grupos de parentesco ou suas tribos, ou até de falantes da mesma língua**, entregues à perplexidade acerca de seu presente e seu futuro, despojados de todas as prerrogativas de status ou classe social (pelo menos no que concernia aos senhores) e homogeneizados por um sistema desumanizante, que os via como seres sem rosto e essencialmente intercambiáveis.

Deve ser considerado também que havia certo incentivo por parte do governo à prática dos batuques, que consistiam em rituais voltados à valorização da própria língua e da própria cultura. O objetivo deste incentivo era reafirmar as próprias raízes, de modo a remontar a época de guerra entre estes povos, impedindo assim qualquer ato de insurgência dos escravos contra os senhores:

Esses encontros eram quase sempre incentivados ou tolerados pelos proprietários, uma vez que se temia que a proibição poderia gerar um descontentamento que levaria a uma rebelião, fato que estava se tornando comum na época; “quem se diverte não conspira”, alegavam os mais compreensivos. As manifestações eram severamente vigiadas pelos membros da sociedade branca temendo que os excessos e o desconforto que lhe causava se transformassem numa perigosa revolta, uma vez que eram muitos negros em liberdade nas ruas. (LIMA, 2010, documento on-line).

O candomblé enquanto religião surge no território baiano a partir de uma remontagem de tradições da diáspora negra; ao se verem inseridos em uma nova geografia, com uma nova realidade, os escravos perceberam a necessidade de se reinventarem para que seus costumes não se perdessem.

A única forma de culto permitida era aquela seguida pelo Império, portanto a religião católica era predominante e qualquer outra manifestação era punida pelos senhores de escravos. Esse processo ocorreu com diversas religiões afro-brasileiras, sendo que em cada região aconteceu de uma forma diferente, o que traz uma série de remontagens culturais a partir do mesmo culto, como exemplo, o batuque - RS, macumba - RJ, tambor de mina - MA.

Quanto ao batuque - RS faz-se necessário explicitar suas diferenciações em relação às demais denominações religiosas acima referenciadas, nesse sentido, SILVA apud SPERONI, 2018, p. 17:

As recriações religiosas foram acontecendo no decorrer do tempo, a cultura dos povos Bantos e Sudaneses foram deixando as suas marcas em nossa história. A herança religiosa que ainda é preservada originou variadas adaptações no Brasil, que englobam o que hoje chamamos de religiões de matriz africana. Conforme tabela 4 estão as religiões derivadas das culturas africanas, e as que surgiram a partir delas, ou seja, as de influência sudanesa que tinha como seus deuses os Orixás e os povos bantos que cultuavam os Inquice (SILVA, 1994, p. 69).

Pouca certeza se tem sobre a origem do batuque-gaúcho, seu surgimento pode ter se dado nas regiões de Porto Alegre ou de Pelotas, faltando dados precisos quanto à criação da primeira casa. Porém o que se sabe é que ele é considerado a máxima expressão do povo escravizado naquela região, pois aspectos oriundos da sua nação de origem como linguagem, dança e o tipo de culto em si são muito presentes em suas festas que são tocadas na linguagem Yorubá, com cânticos em outras línguas que trazem em sua estrutura características dos povos Dje Dje e nagô.

Já o Batuque representa a face mais africana do complexo, pois a língua litúrgica é a nagô, os símbolos utilizados são aqueles dos antepassados, as entidades veneradas são os orixás e há uma identificação às “nações” africanas. Enfim, a Umbanda, tal como no resto do país, representa o lado mais “brasileiro” das três modalidades afro-religiosas, pois consiste num importante sincretismo que agrega em seu repertório simbólico elementos do catolicismo popular, do espiritismo kardecista e das religiosidades indígenas e africanas. Seus rituais são celebrados em língua portuguesa e as entidades veneradas são, sobretudo, os “caboclos” (índios), os “pretos-velhos” e os “bejis” (crianças), além das “falanges” africanas. (ORO, 2012)

O tambor de Mina surge no Maranhão e se espalha pela região Norte e Sudeste do Brasil agregando diversas formas de culto em sua estrutura, o que resulta em uma grande variedade de entidades que são cultuadas, além da gama de ritmos que compõem seus toques e festas o que transforma essa religião em uma rica manifestação cultural em vários aspectos. percebe-se em seus fundamentos uma lógica que destoa das outras religiões, pois o tambor de mina agrega entidades que vão desde os Vodúns (candomblé Dje Dje), passam pelos Orixás (candomblé Nagô) e segue pelo culto aos Gentis e Caboclos, que compõem o panteão do culto da Pajelança e Umbanda, respectivamente. A breve abordagem a seguir, remete à um breve histórico sobre o tema, e para que haja um maior entendimento necessita-se um aprofundamento maior e mais específico deste povo, visto que eles são mais fechados em seus costumes, ao ponto de não incitarem a abertura de novas casas desta denominação religiosa.

No Tambor de Mina são cultuados voduns e orixás (africanos), gentis (nobres associados a orixás ou entidades africanas com nomes brasileiros) e caboclos (entidades surgidas nos terreiros brasileiros). Essas entidades são organizadas em

nações e em famílias, e possuem diferenças de idade bem marcadas. Mas, embora as mais velhas sejam mais prestigiadas, as mais novas (às vezes crianças) podem ser também “donas da cabeça” e podem ser recebidas em todos os toques, como: os gêmeos Tossá e Tossé e a princesa Sepazim, da família real do Dahomé (recebidos na Casa das Minas-Jeje); e Menino Da Lera (da família do Rei da Turquia). (TAMBOR DE MINA E UMBANDA: O culto aos caboclos no Maranhão Mundicarmo Ferretti, Publicado no Jornal do CEUCAB-RS: O Triângulo Sagrado, Ano III, n. 39 (1996), 40 e 41 (1997)

A macumba carioca surge em um contexto tumultuado e que também carece de fontes precisas sobre a sua criação no que diz respeito à datas e casas, porém o que se sabe remete a um movimento onde escravos de diversas regiões migraram para o estado do RJ e junto com eles foram um série de cultos ligados à diferentes manifestações religiosas de origem Bantu, espírita “Kardecista”, além de outras denominações que fundaram uma nova forma de sincretismo onde praticavam-se rezas, oferendas e vários outros rituais que envolviam o sacrifício de animais que eram ofertados aos Orixás e santos católicos; com o tempo este culto passou a ser mau visto e os praticantes tiveram que adotar outra forma de ritual que valorizava mais o sincretismo com as religiões cristãs e que modificou drasticamente sua forma de louvar o sagrado, surgindo assim a religião denominada Umbanda cujo nome deriva do título dado ao sacerdote responsável por presidir o culto da Macumba que era chamado: *embanda, umbanda ou quimbanda*.

Por muito tempo tanto os Candomblés de divindades africanas e os cultos que giravam em torno de Espíritos brasileiros e europeus (isto é, o Candomblé de Caboclo, a encantaria de mina, o Catimbó ou Jurema dos Mestres) permaneceram mais ou menos confinados a seus locais de origem. Mas logo no início de sua constituição, com o fim da escravidão, muitos negros haviam migrado da Bahia para o Rio de Janeiro, levando consigo suas religiões de Orixás, Voduns e Inquices e também a de Caboclos, de modo que na então capital do país reproduziu-se um vigoroso Candomblé de origem baiana, que se misturou com formas de religiosidade negra locais, todas eivadas de sincretismos católicos, e com o espiritismo kardecista, originando-se a chamada Macumba carioca e pouco mais tarde, a Umbanda². (PRANDI, 2000)

Enriquece tal posicionamento o relato abaixo, extraído do Arquivo Nacional da Torre do Tombo³:

² Disponível em:

https://reginaldoprandi.ffiich.usp.br/sites/reginaldoprandi.ffiich.usp.br/files/inline-files/A%20danca_dos_caboclos.pdf. Acesso em 09 jul. 2022).

³ O Arquivo Nacional da Torre do Tombo é um serviço dependente da Direcção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas, serviço central da administração directa do Estado – integrado no Ministério da Cultura – e é um dos arquivos de âmbito nacional da rede portuguesa de arquivos.

Chegados os Reverendos Missionários Capuchinhos a esta terra [de Pernambuco], mandados pela nossa Fidelíssima Rainha, informados, e **vendo as sobreditas danças, máximo a dos negros, começaram a invadir fervorosamente dos púlpitos contra elas**, e levados do seu Apostólico espírito no dia vinte e um de dezembro de 1778 saíram do Hospício, acompanhados de cinco sacerdotes seculares e pelos lugares, **que lhes ensinava o povo, a força de carões, com um Santo Cristo** reduziram a uns a entregar a alguns dos ditos instrumentos, que o povo pelo dito dos Missionários quebraram, queimaram⁴.

Pode-se dizer que o candomblé não tem uma data específica de sua fundação, o mais próximo que se pode chegar em relação à sua criação se dá desde a segunda metade do século XIX ao início do século XX, a partir de notícias de jornais que relataram a invasão por parte da polícia de locais onde as festas de candomblé eram praticadas de forma pública. As pessoas ali presentes eram agredidas e presas, enquanto os locais de cultos eram depredados em todo território brasileiro.

Assim, observa-se o quanto o Estado buscou lucrar às custas da celebração do candomblé, conforme relato do Pai de Santo Joãozinho da Goméia⁵ ao Diário da Noite, às vésperas do II Congresso Afro-brasileiro⁶, em 09 de setembro de 1936, ao ser indagado em relação ao funcionamento e ao ofício de ser sacerdote, responde:

Acho que o Congresso deverá solucionar, de uma vez, a questão da liberdade de religião, para dar a festa de domingo, tive de pagar 100\$000. Para outras, pago 60\$000. A minha opinião pessoal é de que não deve haver pagamento nenhum. O candomblé deve ter a liberdade de funcionar quando quiser. [...] Penso que o congresso deve estudar direito um meio de resolver essa questão. Que diferença há entre religião dos brancos e a religião dos negros? (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1936, p. 1)⁷.

Ainda corroborando tal entendimento, é possível ilustrar, por meio da Figura 1, os percalços que os cultos enfrentaram no passado e em que medida precisaram lutar para manter sua existência até o período atual:

⁴ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Processo nº 4740.

⁵ João Alves de Torres Filho nasceu na pequena Inhambupe, interior da Bahia, em 1914. Sua história com o candomblé começa em 1933, quando é iniciado pela tradição Angola. Aos 10 anos de idade, começou a sentir fortes dores na cabeça e a sonhar constantemente com “*um homem cheio de penas*”. Avisos dos orixás que o fariam buscar a iniciação na religião e tornar-se o primeiro sacerdote do Candomblé de Caboclo realmente conhecido no país. Em outra fase de sua vida, “refez” o santo no Terreiro do Gantois com Mãe Menininha e eternizou-se como referência nas tradições do Candomblé: Angola, Bantu e de Caboclo.

⁶ O II Congresso Afro-Brasileiro de Salvador ocorreu entre os dias 11 e 20 de janeiro de 1937 no Instituto Nina Rodrigues, pertencente à Faculdade de Medicina da Bahia, e no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

⁷ Disponível em:

https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSmdlHV4y99r50a0fLe72o2f8xTEGGI3lccs_iX2vDJ3JH3LEuM2B82O-auNQI5x0z6B-s&usqp=CAU. Acesso em: 15 mai 2022.

Figura 1 – Diário de Notícias de 08 de agosto de 1942



Fonte: Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial (2022)

A notícia evidencia o estigma dado aos candomblecistas, o de mistificadores, e destaca a ação repressiva sofrida por Joãozinho da Goméia, detido junto com o célebre curandeiro José Marques. Para além da prisão, vale destacar ainda:

Os inimigos, porém, não aceitaram de bom grado a vitória do babalorixá. Dizem alguns que o Delegado Dulcídio Gonçalves jurou que expulsaria Joãozinho da Goméia do Rio, custasse o que custasse. Verdade ou mentira, o fato é que o Rei do Candomblé foi vítima de uma infame e indigna cilada, que o levou às grades de uma prisão. Pessoas desconhecidas, dizendo-se admiradoras do candomblé e de Joãozinho, dele se acercaram. Com atitudes falsas e fingindo-se impressionadas com o seu poder religioso, conseguiram conquistar a sua confiança. Feito isso, disseram-lhe que eram amigas de Getúlio Vargas, cujo governo se achava enfraquecido pela oposição de grupos políticos invejosos da popularidade gigantesca do ex-presidente. Pediram então a Joãozinho que fizesse um trabalho junto ao Palácio do Catete, para salvar o regime e evitar que o Brasil mergulhasse numa crise política, cujas consequências ninguém poderia ver. Na boa fé e ingenuidade, Joãozinho concordou com o pedido e resolveu intervir talvez pensando que com isso pouparia sacrifícios e problemas para o povo brasileiro. Preparou o trabalho e dirigiu-se para o palácio do Catete para cumprir sua missão. Os amigos infames porém lá se encontravam ocultos, escondidos na escuridão. Quando foi colocar o despacho, Joãozinho da Goméia foi preso e encarcerado e submetido a um processo por prática de curandeirismo e mistificação. Um desses amigos o Sr. Antônio Vieira Bandeira de Melo que até pouco tempo foi Secretário de Educação da Guanabara no Governo Negrão de Lima, sentiu que a prisão era uma vergonha para o Governo e para a cidade. Todo mundo sabia que ele não tinha culpa, que fora vítima de uma vergonhosa e criminoso armadilha. O professor Vieira de Melo foi então ao Gabinete de Getúlio e implorou pela libertação do alufá. O velho presidente da República, na sua sabedoria de grande estadista viu que não podia permitir tamanho crime, mas sentiu que a presença de Joãozinho pelo menos naquela ocasião, criaria problemas para o Governo (...) após estudar o caso de Joãozinho, Getúlio resolve dar-lhe a liberdade e manda que o soltem, mas impôs uma condição: que ele voltasse para a Bahia (SIQUEIRA, 1971, p.71).

Ao contrário do que muitos supõem, o candomblé não é uma religião africana, mas afro-brasileira, que nasceu de um apanhado de costumes de diferentes povos. Nestes termos, Berkenbrock (1999, p. 61) ressalta que:

Os traficantes de escravos provocavam inimizades entre os chefes africanos, aumentando assim as guerras e consequentemente o número de pessoas feitas disponíveis para a escravização. Muitos chefes africanos vendiam também súditos ou rivais pelo poder. Por fim, a sede de lucro de chefes africanos também contribuiu para o aumento do número de escravizados.

Os costumes são a base formativa daqueles que frequentam e se iniciam no culto, de modo que se aplicam não somente dentro dos terreiros mas na sociedade como um todo, daí a relevância deste estudo pautado na riqueza histórica e na perspectiva positiva que tal base pode gerar no processo educacional brasileiro. O item 2.1 discutirá a educação no terreiro de candomblé.

2.1 Educação no Terreiro de Candomblé

O processo de formação em um terreiro se inicia a partir do momento em que a pessoa se insere em uma casa, pois, cada casa parte de uma série de costumes que variam de sua própria raiz; ou seja, uma casa que tem em sua história as tradições do povo *djè djè* seguirá os costumes do povo de origem da sua tradição. Isso influencia diretamente em sua fala, postura e etiqueta perante a sociedade, tanto no âmbito religioso quanto fora dele, nas rezas, na forma de praticar o culto e nas filosofias por trás deste, tudo isso será diferente, pois o processo das transformações e adequações trouxe mudanças profundas. Assim, o historiador Alexandre Marcussi (2010, documento on-line), que trata da questão e aprofunda o debate sobre a participação popular na religião, salienta que:

Pode-se dizer que o candomblé, desde suas origens, sempre teve um potencial universalizador, pela sua capacidade de unir culturas e divindades africanas de diversas procedências diferentes, e também pelo fato de sempre ter atraído brancos para seus ritos mágicos e religiosos. Apesar disso, até os anos 1960, ele podia ser considerado uma religião que abrangia predominantemente as populações negras, histórica e culturalmente vinculadas ao culto dos orixás. Isso mudou muito nas últimas décadas do século XX, com um movimento crescente de diversificação étnico-racial dos fiéis e com uma tendência do candomblé de atrair cada vez mais as classes médias e escolarizadas.

Aspectos importantes relacionados aos valores norteadores são perceptíveis em todas as casas, independente de nação ou costume de cada terreiro, e esses podem ser considerados a base da formação do chamado filho de santo, ou seja, aquele que se inicia no culto do candomblé. No trecho a seguir, a Ìyá Stella de Oxóssi⁸ aborda de maneira direta como é o padrão de comportamento dentro de sua casa e na fala desta percebe-se a seriedade e a importância da participação na roça de candomblé para o pleno entendimento dos costumes ali praticados.

Vou falar alguma coisa sobre os deveres do Filho ao chegar no Axé, com a certeza de que muitos sabem os procedimentos. Como proceder ao chegar ao Terreiro? Deve logo entrar no quarto de Sàngó? Ou ir ver a Ìyálorixá para as saudações costumeiras? Não! O ambiente de um Ilê Axé é sagrado. Ao sairmos de casa para o Axé nosso corpo e nossa alma devem estar cientes do ambiente em que se vai penetrar. Ao chegar no Axé, o Filho tem que descansar o “pó da estrada”. A primeira coisa a ser feita é tomar um banho de folhas, vestir-se adequadamente (pois a roupa é ritualística) e, depois, cumprimentar Sàngó. Estando então revigorado, deverá saudar os mais velhos, a começar pela Mãe-de-Santo e demais autoridades presentes. (SANTOS, 2010, p. 119).

Ainda dentro do mesmo texto:

Sempre há de encontrar, pelo caminho, alguns mais velhos antes de estar preparado para os cumprimentos. Na tentativa de evitar mal-entendidos, não custa nada esclarecer que ainda não saudou Sàngó e a Ìyálorixá (não é mais fácil agir assim?). Isso tudo com a cabeça baixa, sorriso nos lábios, boas maneiras, atraindo simpatias. (SANTOS, 2010, p.119-120).

Virtudes como respeito aos mais velhos, noção de família, respeito à vida e a natureza, organização e disciplina são só alguns dos princípios passados durante a vida de uma pessoa que adentra um terreiro, e esses princípios devem ser compreendidos e aplicados de modo que eles se insiram no cotidiano de cada pessoa ligada ao culto; para que esse

⁸ Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxóssi, Odé Kayode, (Nasceu em Salvador, no dia de 2 de maio de 1925 e faleceu em Santo Antônio de Jesus, no dia 27 de dezembro de 2018). Ela foi a quinta Iyalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá em Salvador, Bahia. É a quarta filha de Esmeraldo Antigno dos Santos e Thomázia de Azevedo Santos. Sua avó materna foi Theodora Cruz Fernandes, filha de Maria Konigbagbe, africana de etnia egbá. Aos nove anos de idade, Maria Konigbagbe estava na aldeia quando mandaram que ela entregasse uma encomenda em um navio, assim que chegou foi presa e trazida para o Brasil. Sua tia, Dona Arcanja, também conhecida como Dona Menininha, tinha o posto de arobá no Gantois e de Sobalójú no Opó Afonjá nos tempos de Mãe Aninha, de quem era afilhada. Em 19 de março de 1976, foi escolhida para ser a quinta iyalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá, conforme consta no livro de atas do conselho religioso do próprio terreiro. (...) Em 1981, Mãe Stella visitou templos e casas de orixás em Oshogbo na Nigéria. Ela cumprimentava as pessoas, era recebida por todos e, uma vez, ao entoar um canto para Oxum, à sua voz incorporaram-se outras. Houve total entendimento e todos se emocionaram. O mesmo se deu nas cidades de Ilê-Ifê e Ede. Apesar das barreiras linguísticas, fez amigos e foi homenageada. Em 1983 o professor Wande Abimbola, à época reitor da Universidade de Ilê-Ifê, fez questão de realizar em Salvador, na Bahia, a II Conferência da Tradição dos Orixá e Cultura, porque sabia haver em Salvador raízes profundas da cultura yoruba.

processo de formação se dê por completo, é importante a vivência, pois a educação segue o modelo primitivo onde o exemplo é a base. Dessa forma, é possível observar, na Figura 2, a Ìyá Odé Kayodê, ou melhor, Mãe Stella de Oxóssi, com a postura e altivez que o exercício do título de Ìyalorixa exige:

Figura 2 – Ìyá Odé Kayodê



Fonte: Mapeamento Cultural – UFBA (2022)

Nesse processo, todos estão aprendendo, pois enquanto o mais novo desenvolve funções pertencentes à sua posição naquele terreiro, o mais velho, que ensina, também está dando passos para seu crescimento ao desenvolver novas atribuições que são condizentes com sua posição dentro da casa. Ele sai do ponto de simplesmente seguir ordens para o posto de delegar, sem perder o elo com seus mais velhos que irão lhe orientar sobre como proceder em determinadas situações de cunho ritualístico ou de cunho social.

Um dos momentos que marca oficialmente este processo é o da iniciação dentro da religião, também denominado por feitura, que é aguardado por muitos e é caracterizado por uma série de rituais que são executados ao longo de um período de isolamento, em que o noviço se recolhe. Ele desenvolverá um elo forte com o sagrado, refletirá sobre aspectos importantes de sua vida, aprenderá rezas e cantos e terá ensinamentos sobre condutas a serem adotadas em várias situações. O propósito é formar um cidadão íntegro em suas capacidades, valorizando todo o potencial que a pessoa tem a oferecer de modo que possa ser exemplo aos seus mais novos dentro e fora do terreiro; a partir deste momento, o iniciado passará a desenvolver seu *ìwà* (equivalente à caráter) aliado à conhecimentos sobre a natureza e a vida, de acordo com as filosofias praticadas na religião. Nos trechos a seguir, Pierre Verger (2018,

p. 31) narra algumas passagens de um processo de iniciação em um Egbé de Xangô que corrobora com a nossa explicação:

A Ìyá Sàngó pronuncia um longo discurso, meio sério e engraçado, e faz uma série de recomendações. Associando o gesto à palavra, esbarra o pé em um iniciado sentado à sua frente, puxa-lhe a orelha, toca-lhe a testa declarando: “Se alguém te der um pontapé, te puxar as orelhas ou te der pancadas na testa, por descuido ou acidente, não precisas dizer nada, mas se exagerar e o fizer de propósito, é preciso que te vingues”.

O candomblé possui em sua raiz um forte senso de resistência e o trecho acima reflete em partes como isso é passado ao iniciado, é comum que em determinados momentos o filho de santo que está no processo de recolhimento receba instruções referentes à condutas que devem ser adotadas em seu dia a dia, essas condutas são passadas de maneira informal a partir de conversas e exemplos e retratam pontos diversos da sua vida externa à comunidade. A fala da Iyalorixá apontada no trecho descrito por Verger reflete sobre a noção de justiça, a percepção de atitudes nocivas e qual a postura a se tomar mediante maldades que porventura o filho possa vir a ser submetido. É interessante ressaltar que no trecho em que ela utiliza a expressão “é necessário que vingues” a Iyalorixá fala no sentido de uma reação proporcional ao ato e que a fala em momento nenhum exclui a possibilidade do filho sofrer punições pelos seus atos sejam elas quais forem.

Todos os gestos da vida reencontrada são executados em uma atmosfera de humor e de alegre descontração depois do longo período de recolhimento, de resignação e de langor passado na igbó ikú.

Essa fala é um ponto a ser destacado, pois trata-se do momento de maior interação entre os adeptos durante o processo iniciático. Em muitas casas essa fase se dá de forma reservada dentro do quarto onde o filho é recolhido e preserva-se uma atmosfera de calma e quase silenciosa a fim de se manter o bem estar do recolhido, visto que ele ou ela está privado do contato com o mundo externo e portanto mais sensível do que de costume.

Meninos e meninas foram escolhidos, entre os assistentes, para desempenhar o papel de marido ou de mulher aos adóxù. As pernas de cada casal foram cruzadas em sinal de união e novas recomendações foram feitas: “Uma mulher pertencente ao culto de Xangô pode ter relações com um homem que não segue o mesmo culto, mas não com um homem que faça parte do Ègbé Sàngó”, e a iniciadora enumerou assim uma série de obrigações e de proibições que decorriam de sua admissão ao culto do deus. Em seguida, ela ensina aos “recém-casados” a cuidarem um do outro oferecendo-se mutuamente de comer.

Nota-se a preocupação em adaptar o iniciado à sua nova vida a partir do momento em que ele sair do isolamento, pois acredita-se que os costumes antigos não lhe caem bem e que, quando o mesmo se reinserir na sociedade, deverá refletir as características do Orixá que cultua.

A educação dentro de uma casa de candomblé é vital para que esta venha a se desenvolver. Um filho bem orientado reflete todo o valor que aquela casa possui e todas as virtudes que o sacerdote ou sacerdotisa daquela casa carrega. Não é à toa que as casas mais tradicionais mantêm determinados costumes que muitas vezes são considerados arcaicos por muitas pessoas que possuem contato limitado com este universo.

Na África não é estranho ver cenas onde o povo demonstra respeito em locais públicos ao sacerdote que se encontra ali, pois ele é visto como um escolhido pelos Orixás para passar os ensinamentos diretamente do Orùn (infinito) ao povo aqui no Àiyé (mundo), ocupando, assim, um papel de pai, professor e até mesmo médico na vida do povo que o procura. Em contrapartida, o sacerdote tem por obrigação zelar pelos bons costumes a partir do exemplo, trazendo para si toda responsabilidade de conduzir o povo de acordo com as normas e costumes deste mesmo povo.

O Pai ou a Mãe-de-santo são as autoridades máximas dentro do Candomblé Ketú. Normalmente, são os donos de uma roça, ou seja, um lugar onde são cultuados todos os Axés e no qual os Orixás são adorados. O Pai ou a Mãe-de-santo são escolhidos pelos próprios Orixás para que os cultuem na Terra. Os Orixás os induzem a isto e fazem com que essas pessoas por eles “escolhidas” sejam naturalmente levadas à prática deste culto, até que assumam o cargo para o qual estão destinadas. (BENISTE, 1997, p. 87).

A educação de um terreiro é viva e dinâmica, exigindo muita disciplina pois trata-se de uma vivência que tem por objetivo uma formação integral do indivíduo através da troca de experiências, observação e repetição em um campo basicamente prático, onde o entendimento se dá com o tempo e a partir de reflexões sobre o que é feito ali; não é simplesmente colher uma folha, ou buscar uma água, trata-se de entender quando e qual folha colher ou entender a importância daquela água em específico, é uma educação onde as pessoas passam a se tornar crianças perante os mais velhos, pois traz uma forma de aprendizado onde a curiosidade se faz presente e as trocas de informações constroem uma forma de saber coletivo, no qual todos contribuem com erros e acertos de forma coletiva e sem ressalvas, desde que a hierarquia e o respeito ao sagrado sejam mantidos, pois são esses elementos que constituem os “segredos” por trás da formação de um adepto da religião.

Conforme explica Verger (1995, p. 20):

A transmissão oral do conhecimento é considerada na tradição iorubá como o veículo do axé, o poder, a força das palavras, que permanece sem efeito em um texto escrito. As palavras, para que possam agir, precisam ser pronunciadas. O conhecimento transmitido oralmente tem o valor de uma iniciação pelo verbo atuante, uma iniciação que não está no nível mental da compreensão, porém na dinâmica do comportamento. É baseada mais em reflexos que no raciocínio, reflexos estes induzidos por impulsos oriundos do fundamento cultural da sociedade.

O dinamismo que a transmissão oral de conhecimento estabelece no processo de aprendizagem transforma, muda a estrutura de formação do indivíduo e é justamente pautada nesse mecanismo de mudança que se permeia a relevância de tal conhecimento, pois busca-se no final a formação do cidadão através de um processo digno e de respeito ao passado e ao futuro que é diariamente construído. O item 2.2 explicará a hierarquia de um terreiro de candomblé.

2.2 Hierarquia de um terreiro de candomblé

Para maior entendimento sobre o tema, é importante que a hierarquia seja tratada de modo mais profundo, pois existem cargos dentro das casas que possuem funções específicas, assim como existem funções que não podem ser exercidas por pessoas que ocupam determinados cargos; ou seja, cada um tem o seu espaço e função e com o tempo esse espaço se torna mais amplo e as funções se tornam mais abrangentes, permitindo um maior conhecimento sobre os aspectos religiosos e sobre os tabus que cercam o culto em si.

Se tornar mais velho ou tomar um cargo dentro de um terreiro não é castigo e, sim, um prêmio, pois todo cargo é apontado pelo Orixá, que enxerga naquela pessoa as características necessárias para dar continuidade às tradições de um culto, portanto, cabe àquela pessoa se impor para que consiga o merecido respeito daquele Égbè (sociedade), não se esquecendo que a imposição se dá não pelo medo mas pelo respeito e que esse respeito deve se dar de forma mútua.

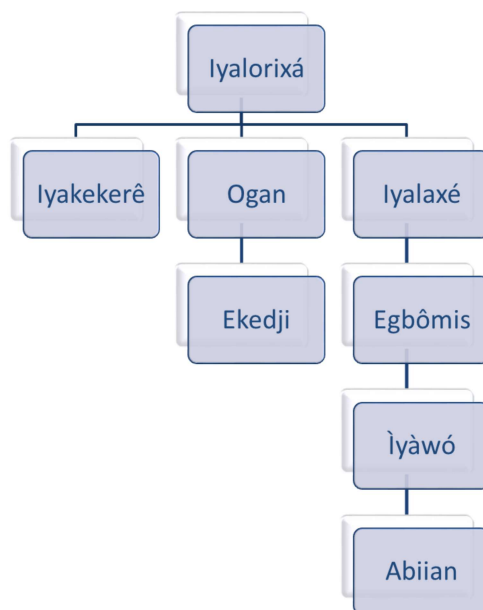
Existe uma diferença entre tomar idade e tomar título/cargo (Oyè), já que, quando trata-se de idade, entende-se exatamente do tempo de iniciação de uma pessoa. Esta idade é independente da idade cronológica e, para marcar essa idade, as casas costumam recolher os filhos de tempos em tempos, de modo a reviver a tradição do nascimento para o Orixá e também a passar de forma mais reservada parte dos conhecimentos litúrgicos inerentes à idade que o filho está adquirindo.

Para celebrar essa idade, é tradição que as casas, em sua maioria, adotem em seus calendários anuais algumas festas que variam a data de acordo com o recolhimento da pessoa. Também é normal que o filho que vai tomar idade faça isso em anos específicos (1, 3, 7, 14 e 21), sendo que as festas são comuns dos três anos para cima, marcando publicamente sua idade perante aos convidados de outros Égbès, que passarão a tratar aquela pessoa de acordo com sua idade e observarão as condutas tomadas por aquele filho que adentra a sociedade com uma posição diferente da anterior.

Dentro da estrutura de um terreiro existem pessoas que são denominadas Olóyès, ou seja, são pessoas que recebem cargos específicos e que, a partir disso, assumem responsabilidades fundamentais para a boa condução das funções executadas na casa. Esses cargos variam de acordo com o gênero da pessoa e, a depender do cargo, a pessoa pode receber mais de um título, assumindo responsabilidades variadas que permeiam as diversas camadas que existem no interior daquela sociedade.

É importante ressaltar que os Olóyès são vistos como mais velhos independente do tempo de confirmação do cargo, e isso por si só já indica que devemos ter o máximo de respeito por eles, pois em suas atribuições está o papel de ensinar os noviços e ajudá-los a se desenvolverem enquanto parte da comunidade, para tal, estes Olóyès devem ser exemplo de conduta dentro e fora do ambiente da roça de candomblé.

No organograma 1, são mostrados os principais cargos que compõem uma casa:



É importante ressaltar que os cargos podem variar de acordo com cada casa,

seguindo especificidades relativas à origem do terreiro. Além disso, eles também podem variar de nome conforme cada nação, porém, isso não altera em nada o nível de respeito e responsabilidade que lhes são atribuídos. O item 2.3 abordará a relação entre pedagogia e oralidade, no intuito de entender o candomblé.

2.3 Pedagogia e Oralidade

Paulo Freire aborda a importância da educação como um processo formativo integral e aponta que este processo é feito respeitando etapas e saberes individuais que complementam e enriquecem o processo de aprendizado como um todo. Essa forma de ensino foi utilizada em diversas tradições e é presente até hoje nas casas de candomblé. O objetivo deste método é permitir uma melhor compreensão do ensinamento transmitido por meio de uma linguagem simples; isso viabiliza a comunicação entre a comunidade, de modo que cada um consegue passar o conhecimento requerido ao outro utilizando-se de uma linguagem comum ao entendimento. Quando isso ocorre, abre-se uma via de comunicação e proximidade entre os que estão aprendendo. Seguindo esta linha, o papel do mais velho da comunidade é o de guia na construção do conhecimento, onde ele avalia o que é produzido ali e faz os devidos apontamentos sobre melhorias a serem feitas e tirando as dúvidas pertinentes que surgem durante a execução das ações ali requeridas. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 36):

[...] postulamos que a aprendizagem deve se dar sobre atividades complexas nas quais possa intervir um certo controle do sujeito, o ângulo escolhido deve, conseqüentemente, ir ao encontro das representações de linguagem dos aprendizes e corresponder a modos sociais e socialmente reconhecidos de apreensão dos fenômenos de linguagem que não sejam tão abstratos a ponto de se tornarem inacessíveis a atividade consciente.

Portanto, é essencial o respeito ao local de inserção do indivíduo para avaliação da construção da aprendizagem desenvolvida no âmbito de uma casa de candomblé. A bagagem cultural de cada um, a idade cronológica, além dos fatores socioeconômicos são marcadores importantes para que se possa desenvolver um bom ritmo de ensino-aprendizagem e saber lidar com essas diferenças, o que se torna primordial para que a comunidade se desenvolva de modo adequado.

Na estrutura de um terreiro, a troca de conhecimento é a base formativa e a oralidade se faz presente o tempo todo. O conhecimento é passado do mais velho para o mais

novo e trocado entre os irmãos de mesma idade; tal metodologia tem por princípio manter vivas as diversas tradições e formas de saberes, possibilitando um melhor processo de aprendizado entre os filhos. Tamanha é a riqueza de tal possibilidade que a inversão de papéis entre mestre e aprendiz fortalece tal análise. Nestes termos, Caputo (2012, p. 72) observa que:

A antiguidade iniciática é superior à idade civil. Por exemplo, se um adulto chega ao terreiro para começar a aprender a religião, uma criança pode perfeitamente ser responsável por lhe passar os ensinamentos. No terreiro de Mãe Palmira uma criança toma a benção de alguém mais velho da mesma forma que um adulto toma a benção à criança. As expressões são sempre ‘Abença, meu pai’ ou ‘Abença, minha mãe’.

Neste sentido, há grande contribuição em tal processo, pois é a partir do conhecimento dos mais velhos que um novo ciclo de aprendizagem se inicia aos mais novos, assim ocorre o ciclo de aprendizado, respeito e, principalmente, proteção ao sagrado. Dessa maneira:

Os nossos mais velhos aprenderam a fazer observando, imitando e admirando os seus mais velhos nos seus saberes e fazeres, como que obedecendo a uma cadeia para a manutenção, continuidade e expansão da cultura. Cabe-lhes ensinar como aprenderam para que os mais novos possam dar continuidade à tradição. (MACHADO, 2010, documento on-line).

De acordo com Freire (1996), uma das falhas que devem ser evitadas no processo de ensinar é a de transmitir o conhecimento como uma verdade absoluta, não aceitando o novo e o pensamento crítico de cada indivíduo que está aprendendo. Essa autonomia para se expressar faz parte da construção individual e é a partir dela que a educação se torna um movimento libertador.

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (FREIRE, 1996, p. 36-37).

Vale ressaltar que a importância da oralidade no ambiente escolar é frequentemente abordada, visto que a partir dela é que forma-se o indivíduo capaz de se posicionar de maneira crítica frente a sua realidade. Não obstante, o ensino oralizado recebe

especial atenção nas primeiras fases da educação infantil, onde a criança é estimulada a desenvolver ações positivas utilizando-se dos recursos da fala. Aplicar e valorizar este modelo de ensino nas séries do fundamental e médio é proporcionar ao estudante um modelo de ensino inclusivo, no qual o próprio aluno torna-se protagonista no processo de aprendizado e passa a assimilar aquele ambiente como seu espaço seguro.

Consolidando a compreensão de que a oralidade faz parte da metodologia de ensino utilizada nos terreiros de candomblé, Hampaté Bâ (1980, p. 182) salienta que:

Nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração. [...] É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Ele é a palavra e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. [...] Nas tradições africanas – pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de savana ao sul do Saara – a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência.

A força da oralidade permeia, prova a força da tradição, que ao ser transmitida dos mais velhos aos mais novos estabelece um movimento cíclico de aprendizagem, consolida o processo de formação cidadã do indivíduo, além de provar que não se trata de enxergar mais a educação como um processo restrito à sala de aula. Nesta conjuntura, trata-se de nova possibilidade e de nova forma de aprender, de um jeito mais livre e desimpedido, como proposto por Paulo Freire na obra “Educação como prática da liberdade”, publicada, pela primeira vez, em 1967. É assim que permite a transformação, a mudança no terreiro de candomblé, que se torna, também, uma escola, local de intervenção positiva direta do novo ser social.

A oralidade é um item de fundamental importância para a estruturação de um Egbé, aquilo que é dito para todos ouvirem se torna um reflexo na prática que todos terão dentro e fora daquele espaço sagrado, transformando a palavra em um testemunho coletivo do caráter e da sabedoria existentes em cada casa de candomblé. Esse sistema de ensino simples, porém valioso, está presente nos menores aspectos da religião, tornando-se parte dos segredos na prática dos ritos. Cada reza, cântico ou história proferidos contém traços da sabedoria ancestral que será a base da formação de outros indivíduos ao longo do tempo; portanto é essencial o conhecimento os jogos de palavras existentes no dialeto ali falado, pois nestes

jogos estão contidos segredos referentes ao uso de determinados objetos, plantas ou outros elementos de uso interno. A forma como as palavras são formadas mostram bem isso, pois em muitos casos elas surgem da junção de determinadas verbos que indicam o tipo de energia que aquele nome evoca, a finalidade que determinada planta possui ou a razão pela qual algum ritual é feito daquela maneira. A explicação de Verger a seguir elucida como esse processo de formação ocorre.

No decorrer da coleta de plantas pensei, durante certo tempo, que meus colegas babalaôs estivessem trocando de mim, pois em diversas ocasiões recebi amostras de uma mesma planta com nomes iorubás diferentes. Mas houve um momento em que me dei conta de que as curtas frase ofô que definiam a ação esperada da planta em questão comportavam um verbo geralmente monossilábico que figurava no nome da planta, servindo assim para auxiliar sua memorização, e que este "verbo atuante" da encantação pronunciada também era uma das sílabas do nome da planta utilizada. (1995, p. 16).

O capítulo a seguir aborda uma série de conhecimentos que são transmitidos por meio deste sistema, conhecimentos sobre taxonomia, botânica e educação ambiental que estão profundamente interligados com a religião e que podem agregar de maneira valiosa para o ensino destas matérias no ambiente escolar por meio da valorização da linguagem simples, associada a troca de experiências individuais que complementam a construção do aprendizado coletivo.

3. CONHECIMENTO TAXONÔMICO E BOTÂNICO NO AMBIENTE ESCOLAR E NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ

*Kò sí ewé, kò sí òrìsà
Sem folha, não há orixá*

A ideia de discutir a relação entre os ensinamentos de uma casa de candomblé e a aplicabilidade nas escolas parte da necessidade de debater a valorização das culturas de origem Afro-Brasileira com o intento de desmistificar determinados preconceitos sobre a religião e os ritos ali empregados. O candomblé é uma religião riquíssima em ensinamentos sobre a educação ambiental, pois entende-se que o sagrado se manifesta por meio da natureza, enxerga-se na natureza a manifestação do divino e das divindades, não obstante, toda vida e a relação entre as diferentes espécies é respeitada dentro dos terreiros, pois sem o elo entre as folhas, os animais, os minerais e outros elementos não existiria o Orixá. Neste capítulo, será abordado como estes conhecimentos se cruzam e como os ensinamentos advindos das casas de candomblé podem interferir de maneira positiva para a construção do conhecimento científico, debatendo de uma maneira livre de julgamentos a importância do ensino sobre educação ambiental desde a infância até o final da vida escolar.

Para consolidar a presente pesquisa, faz-se necessário observar o conceito de Etnobiologia, tendo em vista que é a partir da análise de tal perspectiva que este trabalho se desenvolve. Assim, de acordo com Posey (1986, p.15):

A etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Em outras palavras, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Neste sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo.

Realizar esta pesquisa a partir da etnobiologia enriquece o trabalho uma vez que trata justamente do olhar do outro em relação à biologia,, o olhar do povo de terreiro que enxerga e analisa a proteção de suas plantas como algo sagrado. É justamente na relação de sacralidade das plantas que a religião se firma e difunde entre seus adeptos a importância do aprendizado e da educação ambiental.

3.1 Educação Ambiental

A educação ambiental é um conjunto de práticas adotadas de forma coletiva com o objetivo de formar indivíduos conscientes em relação à natureza e ao meio ambiente em sua totalidade. Essas práticas são feitas de forma humanizada e participativa, e se utilizam de uma série de abordagens pedagógicas diferentes atreladas a conhecimentos variados, garantindo a formação da pessoa em seus aspectos críticos, e às políticas, relações e processos ambientais.

Essa disciplina é amparada pela Lei nº. 9.795/99, que prevê a sua aplicação na sala de aula em diferentes graus de ensino, garantindo o direito de todos ao acesso à informação para o estabelecimento de um meio ambiente saudável e equilibrado, com o intento de promover uma melhor qualidade de vida.

Além do amparo legal supracitado, deve-se ainda considerar a proteção constitucional exarada por meio do Art. 225 da Constituição Federal de 1988 (grifos nossos):

Art. 225. – Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

I – preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas;

II – preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação de material genético;

III – definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção;

IV – exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade;

V – controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente;

VI – **promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.**

A lógica estabelecida no candomblé firma-se na construção do cidadão, na formação do ser ativo, que entende todo o processo de consolidação do conhecimento e que transmitirá sua perspectiva num contexto dinâmico e rico em relação às experiências vividas em diversos ambientes. O depoimento de Mãe Palmira, coletado por Caputo (2021, p. 76), é relevante para exemplificar este processo:

O candomblé vai contra essa lógica que hoje destrói o planeta. Nossa religião lida com os quatro elementos da natureza (fogo, terra, água e ar) e com os três reinos (vegetal, mineral e animal). São esses elementos integrados que formam o Asê, a força dinâmica que a tudo move e anima. Portanto, o candomblé é a religião mais ecológica que existe, porque só concebemos a nossa própria existência integrada à natureza. Yemojá é a energia das ondas do mar, das águas do mar. Òsun, das águas doces, dos rios, das cachoeiras. Òsáyin, dos vegetais, das folhas. Sàngó, dos trovões, do fogo. Yánsàn, do ar e da terra. Òsóòsì é o grande caçador. Quando uma criança começa a lidar com isso desde cedo, ela não apenas se sente parte da natureza, é mais que isso, ela entende que ela é a natureza.

Sob essa perspectiva, os terreiros se tornam locais de educação de crianças, jovens e adultos que trazem de forma intrínseca a necessidade de uma boa relação entre ser humano e meio ambiente. Essa visão que é passada desde a infância acaba refletindo no comportamento dos que ali estão, sendo que cada faixa etária irá assimilar o ensinamento a sua maneira, mostrando traços individuais do aprendizado de acordo com a sua realidade o que traduz a ideia de escola abordado na Grécia antiga, que é descrito como um ambiente adequado para o exercício do ócio criativo, ou seja, um lugar onde pode-se discutir de maneira plural a filosofia e conceitos sobre comportamentos em sociedade.

Analizando sob essa ótica, e quando alinhado aos conceitos pedagógicos e aos aspectos animistas relacionados à religião, a doutrina dos terreiros de candomblé pode ser convertida em uma possível ferramenta de ensino das ciências com o foco na educação ambiental priorizando as atividades onde o meio ambiente se torna um laboratório vivo e a formação se torna mais atrativa e leve pois não se limita à conceitos acadêmicos engessados e tornam possível a aproximação de maneira saudável do educador com o estudante.

Vale salientar que a abordagem das metodologias voltadas às práticas religiosas do candomblé vem no sentido de valorizar uma cultura que deriva de um povo ancestral, povo este que muitas vezes é ligado à terra que é chamada de berço da humanidade; a sabedoria por trás dos ensinamentos foram responsáveis pelo desenvolvimento e sobrevivência de gerações de mulheres e homens nas mais severas condições, e isso por si mostra como este conhecimento é capaz de auxiliar um povo a se adaptar frente às intempéries impostas pela natureza à qual estavam inseridos. A transmissão deste conhecimento por meio da religião reafirma uma cultura que há muito vem se distanciando de sua raiz, visto que muitas vezes os povos que descendem dos escravos trazidos da África, não reconhecem o próprio papel quanto à preservação do meio ambiente, pois não há uma reflexão clara sobre como a negligência em relação a este, é capaz de impactar em diversas áreas de relevância que afetam

sua qualidade de vida.

3.2 Taxonomia

A taxonomia é a ciência que visa a identificação e catalogação de espécies de variada natureza a fim de permitir o estudo de determinado ou determinados elementos contidos em um grupo. Partindo deste princípio infere-se que a taxonomia é uma ferramenta de grande utilidade para aqueles que buscam informações sobre as características morfológicas ou anatômicas de espécies variadas, o que a torna de grande valia em pesquisas sobre temáticas diversas que permitem uma compreensão sobre como determinadas espécies estão interligadas e como elas evoluem e descendem entre si. Esta matéria é a chave para compreendermos como ocorreram os eventos que levaram ao desenvolvimento de ecossistemas variados e o surgimento e extinção de várias espécies de animais e plantas. Quando alinhada à sistemática ela compõe o estudo da biologia comparada que visa estabelecer a relação entre diversos elementos biológicos a partir da descrição das diferenças e similaridades entre os organismos, observando a relação filogenética entre os elementos e visando estabelecer uma linha do tempo sobre a história da distribuição de elementos biológicos diversos nos espaços; a importância deste estudo é que a partir dele é possível organizar o conhecimento e estabelecer uma relação cronológica dos eventos que levaram a imensa diversidade que são encontradas nos dias de hoje, estabelecendo as relações morfológicas e genéticas existentes entre os seres; tudo isso é fruto de pesquisas aprofundadas em diversas matérias e permitem uma diminuição da taxa de erro, pois muitas vezes as semelhanças percebidas em diferentes espécies induz o pesquisador ao erro.

Para o estudo das espécies são levados em consideração os caracteres que compõem os organismos, os dados ali observados são catalogados para uma melhor investigação do objeto do estudo; vale evidenciar que esses dados são divididos de forma qualitativa ou quantitativa sendo que respectivamente um termo trata da relação de posição, cor ou formato de algo e o outro refere-se à medidas inteiras, ou seja, comprimento, peso e altura por exemplo. O parágrafo a seguir retrata bem a ideia aqui apresentada, e serve como base para que haja uma devida compreensão da importância deste estudo, bem como, esboça bem parte dos objetivos referentes a eles.

“Se, como vimos acima. o objeto central de trabalho da Sistemática é a diversidade

biológica. seus problemas são:

- (1) descrever essa diversidade;
 - (2) encontrar que tipo de ordem existe na diversidade (se existir);
 - (3) compreender os processos que são responsáveis pela geração dessa diversidade. É evidente que não se pode esperar que a Sistemática esteja nem mesmo próxima de cumprir completamente qualquer dos aspectos dessa meta. O conhecimento descritivo já acumulado sobre a diversidade biológica está contido em um número imenso de páginas da literatura especializada dos últimos dois séculos e meio. Contudo, mais que apenas descrever a diversidade, a Sistemática expressa a ordem encontrada em um sistema de nomes, as classificações biológicas. Essa é, na verdade, uma quarta função da Sistemática, qual seja, a de
 - (4) apresentar um sistema geral de referência sobre a diversidade biológica.”
- (Amorim, Dalton de Souza. Fundamentos de Sistemática Filogenética I Dalton de Souza Amorim. -- Ribeirão Preto: Holos; 2002.)

Uma breve abordagem histórica se faz necessária para que haja uma melhor interação do contexto por trás da criação desta ciência. A taxonomia em sua forma mais primitiva se desenvolve a partir das pesquisas do filósofo grego Aristóteles, que desenvolveu um sistema de classificação primário onde ele dividia basicamente as espécies em dois grupos, os animais e as plantas, sendo que estes eram subdivididos em demais grupos que eram catalogados de acordo com o ambiente que viviam, neste caso as espécies se dividiam em terrestres, aquáticos e aéreos ou ainda em determinadas características relacionadas ao seu modo de vida, reprodução ou aspectos mais generalistas que permitiram uma obra fantástica que serviu de base para diversas pesquisas e que se sustentou por aproximadamente 2.000 anos. Suas ideias foram publicadas em uma obra intitulada *Historia Animalium*, e trata-se de um trabalho dividido em seis livros com anotações que são fruto de sua observação sobre os diversos exemplares que analisou, a seguir um trecho para apreciação que exemplifica as ideias percorridas ao longo do texto acima.

As diferenças entre os animais dizem respeito ao seu modo de vida, actividade, carácter e partes que os constituem; estes são aspectos que primeiro abordaremos na generalidade, para depois nos determos e tratarmos cada género em particular. As diferenças relativas ao modo de vida, ao carácter e à actividade são as seguintes. Os animais repartem-se em aquáticos e terrestres. Há aquáticos de dois tipos: os que vivem e se alimentam dentro de água, que a ingerem e depois a expõem, e que não sobrevivem fora dela, como acontece com a maioria dos peixes. Outros alimentam-se e vivem na água, mas inspiram ar e não água, como também se reproduzem fora dela. Muitos destes animais têm patas, como a lontra, o castor e o crocodilo; outros têm asas, como o gaivão e o mergulhão; outros são ápodes, como a cobra-de-água. Alguns há que encontram alimento dentro de água e não podem viver fora dela; no entanto, não respiram ar nem água, como a anêmona e as ostras. Dos seres aquáticos, uns vivem no mar, outros nos rios, ou nos lagos e pântanos, como a rã e o tritão” (*Historia Animalium*. (LIVRO I, p. 53, 54)

Dentre as diversas pesquisas elaboradas a partir do trabalho de Aristóteles, destaca-se a do naturalista sueco Carl Von Linée (1707-1778) responsável pela criação do sistema que ficou definido como padrão, sendo reconhecida em 10ª edição da obra intitulada “Systema Naturae” formalmente pelo Código Internacional de Nomenclatura Zoológica como a primeira obra publicada para fins de pesquisa. Carl Von Linnée desenvolveu uma série de critérios que são utilizados até os dias de hoje para a identificação e organização das espécies, dentre eles pode-se destacar o uso da nomenclatura binomial, que padroniza a forma como as espécies são denominadas levando em conta determinadas regras que viabilizam a identificação em qualquer região do planeta.

A nomenclatura taxonômica formal começa com Carolus Linnaeus-ou Linné, o grande naturalista sueco que criou um sistema de classificação para os organismos no século XVIII. O sistema de Linné, como foi comentado acima, é completamente fundamentado na lógica de Aristóteles, fato pouco enfatizado na literatura. O trabalho central de Linné para a Zoologia é o “Systema Naturae”, publicado em inúmeras edições. (Amorim, Dalton de Souza. Fundamentos de Sistemática Filogenética I Dalton de Souza Amorim. -- Ribeirão Preto: Holos; 2002. p. 88)

Desde então surgiram diversos trabalhos que procuraram refinar o sistema de classificação, levando em consideração características filogenéticas e fazendo relações entre a relação evolutiva entre as espécies.

No sistema tradicional Iorubá ocorre um processo simplificado de categorização de elementos da natureza onde a principal função é transmitir o conhecimento dentre as gerações futuras. Este processo de categorização é feito a partir de observações de diversos aspectos relacionados à morfologia de espécies de plantas onde cada particularidade é inserida na classificação. O posicionamento de Verger a seguir reforça bem essa ideia:

É comum que um só nome iorubá corresponda a vários nomes científicos. Aqui estão alguns exemplos: Ahón ekún, “língua-de-leopardo”, é o nome dado a folhas cuja superfície se mostra áspera, apesar de sua forma ser diferente. De acordo com a classificação científica, elas são a HIBISCUS SURATTENSIS, Malvaceae; a HIBISCUS ASPER, Malvaceae (o cânhamo-brasileiro); a TETRACERA sp., Dilleniaceae; e a ACANTHUS MONTANUS, Acanthaceae (o falso-cardo).” (1995, p. 29)

Neste parágrafo o autor deixa claro como o sistema de classificação botânico dos povos Africanos se diferencia daquele que foi proposto por Linné, onde a categorização leva

em conta aspectos que podem ser percebidos a partir da análise sensorial, levando em conta fatores como o aroma, a textura e a sensação despertada ao toque. Tudo isso permite a elaboração de uma nomenclatura simplificada que permite catalogar as espécies em grupos a partir dessas características facilitando assim sua identificação por todos os membros da comunidade.

Quando analisado de forma mais profunda, pode-se perceber o quão elaborado esse sistema é, pois a partir deste arranjo primário e inserindo os verbos atuantes, os nomes passam a ter mais significado revelando assim características referentes às utilidades dadas àquela espécie, bem como em muitos casos o clima ou local que é propício o crescimento daquela planta.

Rínrin = *Alfavaquinha de cobra* (ver 32º orin) - Reino *Plantae*, Divisão *Magnoliophyta*, Classe *Magnoliopsida*, Ordem *Piperales*, Família *Piperaceae*, Subfamílias *Piperoideae* e *Peperomiodeae*, Gênero *Peperomia*, Espécie *pellucida*. Nome: *Peperomia pellucida*. [...] Rinrin é uma erva de origem africana que nasce com facilidade em pedreiras, terrenos abandonados e beiras de calçadas, geralmente quando é tempo de chuva (a palavra rín em yorubá significa molhado, úmido). (SANTOS, p. 40)

Segue outro exemplo que aborda como são elaborados os nomes em relação ao seu uso ou características.

O tronco de *àta* é bastante resinoso. A resina é matéria inflamável consistente e untuosa de cor amarela que corre de certas árvores (tais como o pinheiro e a aroeira). A resina tem a propriedade de ativar a combustão, que é a ação de queimar para produzir calor e luz. Neste **orin** do Ritual das Folhas canta para a planta **àta** demonstrando ser ela uma árvore que possui um tipo de combustível que faz com que o fogo não se gaste facilmente. (SANTOS, p. 119).

Os cânticos referentes às folhas de Igi *Àta* trazem em seu significado a exaltação a sua incandescência, fazendo pedidos de que não falte luz e brilho no caminho daquele ao qual será ofertado o banho em questão. Fazendo um paralelo com relação ao tema principal deste trabalho, vale evidenciar que a palavra “ta” por mais que esteja ligada a outra expressão, é independente e é ela que faz menção a esta propriedade luminosa, encerrando ali o segredo por trás de seu uso; em uma sociedade primitiva tal capacidade de gerar calor e luz era e é considerada uma ação divina por si só, pois fornece elementos que são vitais para a sobrevivência mostrando quão importante é a relação equilibrada entre o ser humano e a preservação da natureza para a sobrevivência de um povo.

3.2.1 Taxonomia e os Orisás

Como apontado em trechos anteriores neste trabalho, não se pode haver a ministração do culto do candomblé sem que este esteja ligado diretamente à natureza, tanto que em seus cantos, rezas e outros rituais, a importância dessa relação é constantemente lembrada pelos filhos e adeptos por meio da fala ou até mesmo em ações que compõem a rotina dos terreiros.

Neste momento do Orò Sàsànyìn, saúda-se Òsanyìn pedindo-lhe permissão para encantar as folhas, a fim de que seus poderes possam ser utilizados como remédio para o corpo, a alma e o espírito, jurando dar-lhe oferendas como pagamento pelos serviços prestados (em obediência a Lei Universal da Troca) e prometendo-lhe nos manter escravos do juramento de não acordar a folhas durante a noite. (SANTOS, p. 34)

O ritual descrito acima é um dos mais importantes dentro dos terreiros, e consiste no ato de invocar a energia do Orixá Ossain por meio da maceração de ervas para o preparo de banhos diversos. Este ritual é um momento de reunião onde por meio de rezas e orins (cânticos) que são entoados pelos mais velhos e repetidos pelos mais novos, neste ritual o Orixá abençoa aquele sacrifício que é feito de suas folhas sagradas e abre os caminhos para que aquela ritualística se cumpra de forma correta. Vale ressaltar que este ato é extremamente comum, fazendo parte de momentos que vão desde a iniciação de um filho de santo até em rituais fúnebres.

Agè má iná pa gbada Agè má iná pa gbada ewé. (provérbio popular)
Agè não quer que o fogo e o facão matem as plantas, Agè não quer que o fogo e o facão destruam as matas. (Tradução)

Uma das ações que são constantemente executadas tem relação com a coleta de folhas para o preparo de diversos banhos e bebidas que possuem funções variadas dentro do culto, funções que vão desde a indução de transe “posseção” do Orixá com seu filho até banhos que têm por função harmonizar a cabeça e caminhos que estão em desalinho, o que acaba interferindo na vida daquele que necessita de auxílio.

O processo de transmissão do saber sofreu o impacto nas mudanças nas relações de poder no interior das comunidades; no entanto, não diminuiu a importância do conhecimento e do emprego dos vegetais. As categorias básicas para as utilizações das espécies e dos textos falados e cantados em Yorubá, nos quais a palavra funciona como detonadora do àsê latente das espécies e propícia a colocação dos vegetais dentro de uma perspectiva classificatória abrangente, peculiar a este complexo cultural. (BARROS 1993:124 Apud BARROS, 2003:20).

O ato de elaborar o banho possui relação direta com o ato de conhecer a folha, sendo que a escolha destas não se dá de forma aleatória, mas sim, obedece uma série de critérios os quais permitem classificar as funções de cada planta servindo de norteador para a execução do trabalho. Para tal, o sacerdote ou sacerdotisa deve se dedicar a uma vida de estudo dos Odús no intento de conhecer os itàn (mito) por trás do uso de cada folha, bem como seus respectivos ọfọs (encantamentos), além dos rituais concernentes à colheita daquela planta que é de domínio de Ossaim (Òsanyìn), grande Orixá curandeiro que exige o máximo respeito em troca das suas ervas.

Ossaim, filho de Nanã e irmão de Oxumarê, Euá e Obaluaê, era o senhor das folhas, da ciência e das ervas, o orixá que conhece o segredo da cura e o mistério da vida. Todos os orixás recorriam a Ossaim para curar qualquer moléstia, qualquer mal do corpo. Todos dependiam de Ossaim na luta contra a doença. Todos iam à casa de Ossaim oferecer seus sacrifícios. Em troca Ossaim lhes dava preparados mágicos: banhos, chás, infusões, pomadas, abô, beberagens. Curava as dores, as feridas, os sangramentos; as disenterias, os inchaços e fraturas; curava as pestes, febres, órgãos corrompidos; limpava a pele purulenta e o sangue pisado; livrava o corpo de todos os males. Um dia Xangô, que era o deus da justiça, julgou que todos os orixás deveriam compartilhar o poder de Ossaim, conhecendo o segredo das ervas e o dom da cura. Xangô sentenciou que Ossaim dividisse suas folhas com os outros orixás. Mas Ossaim negou-se a dividir suas folhas com os outros orixás. Xangô então ordenou que Iansã soltasse o vento e trouxesse ao seu palácio todas as folhas das matas de Ossaim para que fossem distribuídas aos orixás. Iansã fez o que Xangô determinara. Gerou um furacão que derrubou as folhas das plantas e as arrastou pelo ar em direção ao palácio de Xangô. Ossaim percebeu o que estava acontecendo e gritou: “Euê uassá!”. “As folhas funcionam!” Ossaim ordenou às folhas que voltassem às suas matas e as folhas obedeceram às ordens de Ossaim. Quase todas as folhas retornaram para Ossaim. As que já estavam em poder de Xangô perderam o axé, perderam o poder de cura. O orixá-rei, que era um orixá justo, admitiu a vitória de Ossaim. Entendeu que o poder das folhas devia ser exclusivo de Ossaim e que assim devia permanecer através dos séculos. Ossaim, contudo, deu uma folha para cada orixá, deu uma euê para cada um deles. Cada folha com seus axés e seus ofós, que são as cantigas de encantamento, sem as quais as folhas não funcionam. Ossaim distribuiu as folhas aos orixás para que eles não mais o invejassem. Eles também podiam realizar proezas com as ervas, mas os segredos mais profundos ele guardou para si. Ossaim não conta seus segredos para ninguém, Ossaim nem mesmo fala. Fala por ele seu criado Aroni. Os orixás ficaram gratos a Ossaim e sempre o reverenciam quando usam as folhas.(PRANDI, Reginaldo, Mitologia dos Orixás)

O texto acima é um dos vários mitos que contam como os Orixás e consequentemente o ser humano, adquiriram o conhecimento sobre as folhas. Porém este não é o único e nem mesmo o mais antigo, visto que o candomblé nasce em um período muito mais recente que a história da África em si e que além disso, ele se diferencia em diversos aspectos da religião tradicional Africana o que imprime um caráter distinto em relação a sua forma de culto, bem como em sua cultura como um todo, mantendo em sua estrutura primária

as formas de ensinamento oralizada além de outros aspectos que já foram tratados em parágrafos anteriores.

3.2.2 A folhas e os Orixás

Como abordado, as folhas seguem uma classificação que se dá por uma série de especificidades e para uma melhor compreensão, serão tratadas aqui neste texto apenas as principais que possuem relação com os elementos, os Orixás e em parte com o seu uso.

[...] O babalossaim penetra no reino de Ossaim mastigando um obi (e talvez também pimenta); chegando ao seu destino, volta-se sucessivamente para cada um dos quatro pontos cardeais e cospe nestas quatro direções o obi mastigado. Delimita assim, de certo modo o espaço sagrado em que vai evoluir. Penetrando no mato, começa a cantar e não deixará de cantar enquanto não tiver saído [...], embora Ossaim reine sobre todas as ervas, isto não impede que estas se classifiquem em categorias e que as categorias estejam ligadas aos diferentes orixás. [...] (BASTIDE, 1978, p.130).

O trecho acima destaca parte da rotina por trás da colheita das ervas, e tem por objetivo mostrar a profunda relação de respeito que existe entre a comunidade dos terreiros de candomblé com a natureza, isso ocorre pois existe uma percepção de caráter coletivo por trás da filosofia aplicada nos terreiros, trazendo assim a noção de que toda vida é sagrada e indispensável para o ciclo da existência.

3.3 Botânica

A botânica enquanto ciência se desenvolve em um contexto semelhante ao descrito no tópico anterior, Teofrasto, aluno de Aristóteles elaborou um trabalho pautado na obra de seu mestre cujo o objetivo era estudar as espécies deixadas de lado nos livros que compunham o *Historia Animalium*, a obra que é intitulada *Historia Plantarum*, apesar de se tratar de uma obra criticada, aborda de uma maneira simples o reino *Plantae* apontando características capazes de distinguir de maneira sistemática os reinos *Animalia* e *Plantae*.

Tal categorização das plantas foi executada levando em conta suas características fundamentais, porém de forma simplificada com o objetivo de separá-las em grupos, a determinação das semelhanças entre as espécies foi o que permitiu à Teofrasto dar mais um passo sobre a construção do método científico utilizado para a elaboração do seu tratado, pois a partir destas observações o autor chegou à conclusões diversas em relação à reprodução das

plantas, proximidade entre espécies, características que diferenciavam as espécies de acordo com o local que se desenvolviam, partes que compunham determinadas espécies e outras não além de outras características.

Para a realização deste estudo Teofrasto se utilizou da observação como uma das ferramentas básicas para a elaboração da obra, o que abriu portas para novas abordagens de uma ciência que estava em absoluta estruturação; para que seu trabalho se desenvolvesse, o autor se utilizou de abordagens diversas, permitindo-se como recurso inclusive o conhecimento popular adquirido por pastores de ovelhas, ou relatos de populares sobre as características de espécies presentes nas mais diversas regiões da Grécia antiga.

Por se tratar de uma nova área de conhecimento é evidente que existem falhas e algumas como a falta de objetivo por trás do estudo e a falibilidade do método empregado na pesquisa são só algumas que são apontadas; porém, à medida que o trabalho se desenvolve percebe-se as possibilidades por trás dos resultados ali obtidos, não obstante o autor parte para uma abordagem voltado à funcionalidade das plantas, começando a dividir-las de acordo com seu uso medicinal. Os trechos a seguir elucidam bem os pontos abordados, além de fazerem menção à pontos passíveis de crítica:

Numa consideração sobre as diferenças entre as plantas e sobre a sua distinta natureza , há que ter em conta as suas partes, qualidades , modos de reprodução e fases da vida. Carácter e actividades , como os que os animais possuem, nelas não existem. São os aspectos relativos à reprodução, às suas qualidades e fases da vida os que melhor se podem observar e os menos complexos; enquanto as questões referentes às partes que as constituem apresentam maior complexidade. Logo para começar, há uma questão que não está suficientemente definida e que põe problemas: a que é que se deve, ou não, chamar ‘partes. (TEOFRASTO, Historia Plantarum, Livro I, p. 57)

No trecho acima, o autor aborda alguns critérios que serão utilizados para o estudo que pretende fazer, basicamente o que pode-se notar são os primeiros passos do desenvolvimento metodológico que seria utilizado no trabalho em questão. Prosseguindo no texto extrai-se o seguinte parágrafo.

Não resta dúvida de que não se deve estabelecer uma correspondência total com os animais, nem sob outros pontos de vista, nem no que se refere à reprodução . Porque nesse caso deveríamos considerar também ‘partes’ aquilo que a planta produz, como os frutos por exemplo. O que não é de todo o caso dos fetos nos animais. Mesmo se, na estação própria, a floração parece muito atractiva à vista, isso não pode servir de argumento, porque também, entre os animais, são os prenhes os que estão na sua plenitude. (TEOFRASTO, Historia Plantarum, Livro I, p. 58)

Durante o esboço da metodologia, nota-se a relação que Teofrasto procura fazer em relação ao método aplicado por seu mestre à sua obra, isso se dá pelo fato do autor enxergar o quão sensível pode ser a definição de partes à qual pretende abordar, visto que por se tratar de um reino totalmente diferente sua estrutura e desenvolvimento se dão de forma paralela às espécies estudadas por Aristóteles. Porém, um dos avanços pode ser notado de forma sutil nos parágrafos a seguir, onde o autor de uma maneira muito sutil, começa a separar as características das partes, saindo do conceito de “possui” e “não possui” para uma análise mais profunda a respeito da morfologia e até mesmo em vários momentos dos aspectos ligados à fisiologia:

Em resumo, as diferenças das folhas estabelecem-se por tamanho, número, forma, por serem largas ou estreitas, côncavas, rugosas ou lisas, e por terem ou não espinhos; ou ainda pelo ponto de onde brotam e pela forma como estão presas; o ponto de origem pode ser a raiz, o rebento, o caule ou o ramo; a forma como estão presas pode ser um pedúnculo que é o pecíolo ou directamente; e concluir (1. 10. 8): ‘Falando em termos gerais, são estas todas as diferenças possíveis entre as folhas, representadas nos exemplos citados’. O que significa que, periodicamente, perante casos específicos, os critérios de classificação possam, em termos sempre gerais, vir a ser retocados ou adaptados.” (TEOFRASTO, *Historia Plantarum*, p. 18)

Há quem critique o trabalho supracitado pelos motivos abordados, porém quando observado com mais cautela o que pode ser visto é um processo de construção de uma ciência que segue em ascensão até os dias atuais, a forma como o pensador elabora seu método pode ser entendido como um processo de desprendimento das teorias daquele que foi considerado seu mentor, o que é um processo natural quando aplicado na construção do saber.

Vale ressaltar que apesar de Teofrasto e Aristóteles terem sido companheiros de estudo fiéis, no momento da elaboração deste trabalho, o autor já não podia contar com a colaboração de seu companheiro visto o evento de sua morte precoce.

A botânica desde então se tornou uma ciência dinâmica, complexa e rica, visto que a partir dela diversos estudos foram elaborados no sentido de entender melhor as relações entre os ecossistemas, o que por si só já indica a importância desta ciência por estar diretamente ligada ao que pode ser considerada a chave do sucesso evolutivo. Conhecer quais plantas podem fornecer recursos nutricionais, materiais para construção ou até mesmo combustível representa uma oportunidade de abordagem sobre o histórico relacionado ao desenvolvimento tecnológico e proporciona a possibilidade de uma abordagem holística sobre

como cada povo utiliza os recursos naturais para a própria subsistência.

O candomblé enxerga nas folhas o fundamento por trás da existência do Orixá, pois a partir do uso das ervas é que determinados rituais são executados e os terreiros possuem em sua estrutura uma abordagem única sobre a botânica, empregando uma mistura de conhecimento popular alinhado a diferentes abordagens científicas para justificar o uso de elementos vegetais em suas práticas. Não é para menos que todas as folhas que serão utilizadas são louvadas em sinal de agradecimento, pois é a partir do sacrifício daquela folha que um banho, um chá, remédio ou até mesmo um alimento será preparado e tudo isso em um terreiro de candomblé compõe o equilíbrio entre o sagrado e o físico, pois não pode existir um sem bem estar do outro.

A sua importância é fundamental, pois nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença, sendo ele o detentor do áse (o poder), imprescindível até mesmo aos próprios deuses. (VERGER, 2002 p.122)

Essa abordagem da botânica vem sendo analisada em diversos trabalhos com o objetivo de compreender como determinadas populações enxergam essa relação entre o ser humano e a natureza, principalmente no que abrange o uso das plantas em comunidades tradicionais procurando estabelecer a relação por trás do desenvolvimento de populações em relação ao manejo de espécies que muitas vezes são consideradas exóticas. Porém, para fins de pesquisa o enfoque se dá geralmente em comunidades indígenas ou quilombolas, e engloba diversos aspectos antropológicos que resultam em ações positivas no sentido de preservar o conhecimento e os costumes destes povos.

Os dados, imagens e informações desta coleção, guardados há mais de 150 anos, estão sendo disponibilizados de maneira digital aos descendentes dos povos visitados por Spruce, de modo que eles poderão fortalecer suas próprias pesquisas, tendo maior autonomia na preservação e usos dos seus conhecimentos para futuras gerações. Saberes, tecnologias e modos de vida dos povos tradicionais há muito tempo são confrontados e influenciados por seu entorno, assim, essa iniciativa mostrou como as relações entre povos indígenas e cientistas no passado geraram conhecimentos que podem ser retomados e ampliados na atualidade, de forma a contribuir com projetos dos povos indígenas de hoje.” (Manual de etnobotânica : plantas, artefatos e conhecimentos indígenas / organização Aloisio Cabalzar...[et al.]. -- São Paulo : Instituto Socioambiental ; São Gabriel da Cachoeira, AM : Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN, 2017)

Devido aos conhecimentos e especificidades dos costumes do povo de terreiro, seria coerente agregar uma linha de estudo com foco nesta população, proporcionando um

amparo no sentido de desmistificar falas de cunho pejorativo e elaborar políticas que se propusessem a amparar uma comunidade que é numerosa, mas que muitas vezes acaba sendo relegada à marginalização por não terem seus hábitos compreendidos.

A troca de ideia e maior interação entre estudantes e o meio ambiente pode culminar na criação de um espaço de ensino plural, ativo e acessível a uma parcela da população que sofre diversos preconceitos, sejam eles por sua posição econômica, religiosa ou étnica.

4. PARALELO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO RELIGIOSA E CURRÍCULO ESCOLAR

“Esteja à escuta”, [...] “tudo fala, tudo é palavra, tudo nos procura comunicar um conhecimento...”
Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima.

Amadou Hampate Bâ

Um dos principais debates que ocorrem nas rodas de conversa em relação às abordagens educacionais gira em torno da ideia de renovação da educação. Há muito, adeptos de novas correntes pedagógicas se posicionam quanto à perspectiva de uma linha educacional onde o aprendiz se desenvolve de maneira autônoma, se desprendendo assim dos conceitos convencionais estabelecidos como regras à serem aplicadas em sala de aula.

No entanto alguns cuidados devem ser adotados quanto a aplicabilidade deste método, pois sem a devida observância e planejamento existe a possibilidade de se radicalizar quanto às ideias e ideais que compõem esta linha de ensino. Há que se considerar ainda que nesse aspecto o Estado brasileiro já vinha inovando, a verdade é que há na história processo de preocupação e reestruturação educacional nesse sentido, como as alterações trazidas com o advento da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional):

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras⁹.

Vários autores defendem à sua maneira uma corrente pedagógica que repensa a posição de cada elemento humano por trás do processo de educar, vide trechos; e pode-se encontrar traços desta ideia em textos diversos datados da época da Grécia antiga, onde o modelo de educação era elaborado com visão de se formar um cidadão ideal em todas as suas virtudes. Não obstante, o papel do pedagogo na educação não se limitava à sala de aula, ele se estendia no dia a dia do estudante até mesmo nas tarefas comuns a fim de proporcionar o máximo de tempo para que o aluno pudesse se orientar e ser orientado nos caminhos do pensamento útil, evitando assim a procrastinação.

Da educação, neste sentido, distingue-se a formação do Homem por meio da criação de um tipo ideal intimamente coerente e claramente definido. [...] O contraste entre estes dois aspectos da educação pode ser acompanhado através da História: é componente fundamental da natureza humana. As palavras com que os designamos não têm importância em si, mas é fácil ver que, ao empregarmos as expressões “educação” e “formação” para designar estes sentidos historicamente distintos, educação e formação têm raízes diversas. A formação manifesta-se na forma integral do Homem, na sua conduta e comportamento exterior e na sua atitude interior (JAEGER, 2003, p. 24).

Esse ideal permeou dentre os mais diversos povos, observando sua cultura, estrutura social e hábitos e isso foi fundamental para a elaboração das correntes educacionais que surgiram com o tempo.

Scholéin agein» não é não fazer nada, deixar-se arrastar nas doçuras de um inútil farniente; é, e a nuance é importante, não participar nas actividades produtivas dos bens de consumo. Daí resulta que a noção económica de energia e de produtividade desempenha um papel considerável na história da escola. Ver-se-á esta desenvolver-se e estender-se a camadas cada vez mais numerosas da população, à medida que os progressos da ciência e da técnica libertarem os homens das tarefas necessárias ou úteis à sua vida "material". A obrigação escolar, o ensino generalizado não é o resultado de uma qualquer generosidade ou de um qualquer sentido do humano de que teriam estado privados os nossos antepassados; inscreveu-se como uma possibilidade no dia em que as crianças puderam, até uma idade cada vez mais elevada, ser subtraídas ao ciclo da actividade económica (CLAUSSE, 1976. p. 11)

O ponto em questão é que muito se debate sobre o modelo ideal de educação

⁹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 09 jul. 2022.

pautado nos fins que se deseja alcançar e pouco se fez no sentido de promover o desenvolvimento de uma ferramenta que pudesse agir de forma adequada no processo de ensino em classes sociais e locais variados, não obstante percebe-se que o processo de precarização do ensino ocorre nas camadas mais frágeis da sociedade.

Todavia, poucas pessoas aplicam os conhecimentos e procedimentos científicos na resolução de seus problemas cotidianos (como estimar o consumo de energia de aparelhos elétricos a partir de suas especificações técnicas, ler e interpretar rótulos de alimentos etc.). Tal constatação corrobora a necessidade de a Educação Básica – em especial, a área de Ciências da Natureza – comprometer-se com o letramento científico da população¹⁰. (BNCC. p. 547)

Por trás de cada povo existe uma história repleta de aspectos formativos que permitem um maior reconhecimento de suas origens, e isso produz um comportamento que reafirma a força das tradições ancestrais que permitiram àquela população o avanço tão almejado; ao fazer um paralelo, nota-se que os países mais desenvolvidos refletem muito de sua ancestralidade nos seus costumes, a fala, o vestuário e outros detalhes remontam e reafirmam os aspectos culturais daquela população, permitindo assim uma maior visibilidade e aceitação perante seus semelhantes. Nesse sentido, a própria BNCC se faz instrumento ativo na formação do cidadão:

Por isso, a interculturalidade e a ética da alteridade constituem fundamentos teóricos e pedagógicos do Ensino Religioso, porque favorecem o reconhecimento e respeito às histórias, memórias, crenças, convicções e valores de diferentes culturas, tradições religiosas e filosofias de vida. (BNCC. p. 437)

É importante destacar que nem sempre este processo ocorreu de forma positiva, e que se não houver um devido preparo para essa ação ela pode resultar em processos negativos, daí a importância de se fazer isso por meio da educação, pois assim as ações poderiam culminar em mudanças pacíficas e equilibradas fortalecendo aspectos relacionados ao conhecimento e a construção de uma postura de enfrentamento crítico ante situações preconceituosas nos mais diversos ambientes, permitindo que o aluno desenvolva sua postura crítica frente às mazelas sociais.

Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos [...]Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os

¹⁰ Base Nacional Curricular Comum. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz. (BNCC, 2017, p. 437)

Trazer os terreiros de candomblé para o foco do debate abre as possibilidades de um diálogo que há muito deveria ter sido feito, visto que estes locais estão próximos às zonas urbanas, as pessoas que ali estão são frequentadoras e usuárias de serviços essenciais e comuns à todos e muitas vezes têm seus direitos como cidadãos negligenciados pelo fato de não haver um conhecimento sobre uma cultura que foi precursora do que existe de mais belo no país.

No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na grande história da vida. (MACHADO, 2015, p. 3)

Produzir conhecimento em sala de aula por meio desta metodologia aplicada aos terreiros pode ser o passo inicial para a melhoria do espaço escolar de uma forma geral, pois na pedagogia que existe em uma casa de candomblé a maioria das coisas são de cunho prático e dentro desses espaços desenvolve-se habilidades variadas que vão desde os afazeres do dia a dia, até atividades mais elaboradas referentes à manutenção e obras voltadas à melhoria do espaço de uso coletivo, isso sem se desvincular de momentos de aprendizado referentes à valores formativos inerentes à respeito com o próximo, hierarquia, organização, valorização dos mais velhos e respeito à sacralidade da vida como um todo.

É importante destacar que aprender Ciências da Natureza vai além do aprendizado de seus conteúdos conceituais. Nessa perspectiva, a BNCC da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias – por meio de um olhar articulado da Biologia, da Física e da Química – define competências e habilidades que permitem a ampliação e a sistematização das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental no que se refere: aos conhecimentos conceituais da área; à contextualização social, cultural, ambiental e histórica desses conhecimentos; aos processos e práticas de investigação e às linguagens das Ciências da Natureza¹¹. (BNCC, 2017, p. 547)

Essa formação continuada ocorre com as práticas voltadas ao meio ambiente, cuidado, amor, zelo e entendimento da natureza como sagrada e necessária para a manutenção da vida. São apenas alguns aspectos ligados à rotina existente em uma casa de candomblé.

¹¹ Base Nacional Curricular Comum. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

Tudo isso é passado de forma que todos tenham acesso à informação, respeitando o momento de cada ouvinte, evitando assim saltos nas etapas de aprendizado.

Trabalhar elementos tão variados com estudantes em diferentes etapas de ensino pode ser um desafio para todos, pois necessita de um grau de organização e comunicação entre professores e alunos para que esse processo ocorra de forma alinhada onde os conteúdos científicos fossem tratados de forma coordenada respeitando suas respectivas especificações.

Além disso, BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. Essas decisões, que resultam de um processo de envolvimento e participação das famílias e da comunidade, referem-se, entre outras ações, a:

- contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas;
- decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem; (BNCC, 2017, p. 16)

Ressalta-se também a possibilidade da elaboração de projetos variados e de baixo custo focados em educação ambiental nestes espaços que são casas religiosas abertas ao público; Existem possibilidades de da reconstrução do entendimento sobre educação ambiental, tendo em vista que com o avançar do tempo muitas casas de candomblé passaram a se distanciar dos conceitos de cuidados com o meio ambiente, valorizando a parte ritualística e negligenciando a relação de zelo estabelecido na doutrina.

Quem for consciente e corajoso entenderá que os ritos podem e devem ser adaptados às transformações do planeta e da sociedade. Os ritos se fundamentam nos mitos e nestes estão guardados ensinamentos valiosos. O rito pode ser modificado, a essência dos mitos, jamais!”, disse a sacerdotisa, em referência às obrigações religiosas do terreiro, que serão mantidas, porém com modificações que acompanham as mudanças globais¹²

¹² Presente de Mãe Stella para Iemanjá serão cânticos em 2016. Disponível em: <https://bahia.ba/salvador/presente-de-mae-stella-para-iemanja-sera-canticos-em-2016/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

Pode ainda ser observado que existem pequenas mudanças que podem ser realizadas na ritualística candomblecista que enaltecem e demonstram o zelo com o meio ambiente, conforme verifica-se na fala da Mãe Beata de Yemonja:

Quando cheguei em Miguel Couto, o terreno que adquiri para fundar o Ilê Omi Ojuaro não tinha nenhuma árvore ou ervas, e a primeira coisa que fiz foi andar pelas redondezas do bairro e colher as plantas que eram necessárias para os diversos usos, fossem religiosos ou terapêuticos. Eu mesma as plantei e adubei a terra, preparando o solo para o que é hoje a minha roça de candomblé. Pelo fato de ter aprendido ao longo dos anos, o saber e o conhecimento das ervas, hoje me sinto muito mais segura, pois tenho dentro do terreiro muitas plantas que não encontro mais no bairro. (ASHOGUN, 2013, p. 7)¹³

Alguns estudiosos apontam que este afastamento se dá pelo desencontro sócio cultural que ocorre devido a um embranquecimento de um povo, e que esses aspectos estão se aprofundando cada vez mais nas casas de candomblé o que é notado em pontos relevantes referentes a hábitos, linguística e outras ações que vêm se perdendo com o tempo.

Entretanto observa-se que a preocupação com o meio ambiente deve ser considerada, seja no ambiente escolar ou nas roças de candomblé. É primordial para a sociedade, a reestruturação de hábitos que causem prejuízo ao meio ambiente. Nesse sentido, apresenta-se abaixo ensinamentos de uma roça de candomblé que já preza por tal entendimento:

Todas as religiões realizam oferendas. Os católicos dão a hóstia e o vinho; os judeus sacrificam um cordeiro na páscoa; os orientais dão alimentos e objetos; ou seja, não somos diferentes de ninguém. Por isso, fique tranquilo ao realizar sua oferenda.

- As oferendas devem ser realizadas dentro do terreiro, sempre que possível.
- Os alimentos cozidos devem ser consumidos ou enterrados após o tempo mínimo de exposição. O que sobra pode e deve ser enterrado ou encaminhado para a compostagem, para produção de adubo orgânico. Isso é uma prática utilizada inclusive na África, berço dessa religião.
- Consulte a autoridade religiosa do seu terreiro sobre o tempo mínimo de permanência de exposição.
- Recolha sempre todos os resíduos de suas oferendas religiosas do meio ambiente.
- Cantar, tocar, dançar são opções de oferendas que não deixam lixo. Podemos realizá-las em qualquer espaço, exceto nas reservas biológicas¹⁴.

¹³ A Cartilha OKU ABO Espaço Sagrado é uma ferramenta educativa, criada pelo Projeto OKU ABO Educação Ambiental das Religiões Afro-Brasileiras e desenvolvida pelo Terreiro de Candomblé Ilê Omiojuaro, de Mãe Beata de Yemanjá, em parceria com entidades religiosas, ambientalistas, pesquisadores e órgãos públicos, entre eles conta com o apoio da Fundação Cultural Palmares/MinC. O material apresenta tópicos que ressaltam a preocupação das instituições religiosas afro-brasileiras em favor da preservação ambiental. Dicas de como realizar oferendas, respeitando os rios, matas e o mar são amplamente difundidas na publicação, organizada pelo produtor cultural Aderbal Ashogun.

¹⁴ *Idem*

- Pergunte sobre restrições ao uso de som. Atabaques podem causar um forte impacto em determinadas áreas, como grutas e cavernas. Já em outras, não. (ASHOGUN, 2013, p. 12)

Ressaltam ainda:

Dê sempre preferência a materiais biodegradáveis na prática do culto. Minimize o impacto causado na natureza.

- Alguidares, louças, copos e garrafas quebram com facilidade e causam ferimentos em pessoas e animais.
- Copos e garrafas podem ser substituídos por cabaças, cuias de coco ou bambu.
- Para substituir os recipientes de louça ou barro, uma alternativa é o uso de folhas.
- Bananeira, mamona ou morim, podem forrar o fundo dos alguidares e louças.
- Após o ritual, deixe as folhas com as oferendas e retorne com os recipientes.
- Lembre-se de recolher todos os resíduos após o tempo mínimo de permanência. Isso tudo pode alterar a estética da oferenda, mas o resultado final compensa. (ASHOGUN, 2013, p. 13)

E quando há preocupação com fogo, observe:

O fogo é um elemento imprescindível para as religiões afro-brasileiras, porém devesse usá-lo com muita cautela, devido ao seu poder devastador.

- Antes de depositar sua oferenda na natureza, acenda as velas no terreiro.
- Se tiver que acender uma vela, faça-o somente em locais onde você possa se responsabilizar. Espere até que ela se apague.
- Aproveite o tempo para rezar e sentir a energia do ambiente em volta.
- Não deixe velas acesas nos pés das árvores. Você pode causar incêndio, além de causar dor nas árvores, pois elas são seres vivos.
- A questão não é religiosa. Provocar incêndio é proibido por lei e você pode ser preso por isso. (ASHOGUN, 2013, p. 14)

Ou seja, o conhecimento, o cuidado, a preservação, o respeito ao meio ambiente é cabível inclusive na esfera religiosa, demonstrando o quanto a formação do cidadão é importante. Observa-se ainda que não se trata apenas de ter numericamente filhos de santos, mas ter pessoas que façam a diferença tanto no universo do sagrado religioso, quanto na sociedade.

Neste entendimento infere-se que do ponto de vista antropológico uma troca de experiências pautadas em trazer ao público externo as lendas e crenças, utilizando-se da etnobiologia como ponte pode produzir um avanço no resgate desta cultura que vem se perdendo aos poucos, pois os estudantes poderiam propor ideias de melhoria e conservação do meio ambiente enquanto os frequentadores da casa de santo, chamados de filhos de santo, iriam ter a chance de refletir sobre a importância que sua fé possui em diferentes níveis da

sociedade, afastando assim determinadas alunas que lhes são taxadas diariamente.

Exemplos diversos existem na história recente sobre o preconceito que crianças praticantes do candomblé passaram em ambiente escolar, como mostra a Figura 3:

Figura 3 – Aluno é proibido de estudar por usar “trajes de candomblé”

Aluno é proibido de estudar por usar 'trajes de candomblé'

Aluno é barrado e precisou trocar de escola por usar trajes de candomblé. Cientista social afirma que a atitude seria válida se símbolos de outras religiões também fossem proibidos



Estudante de 12 anos é barrado em escola por usar trajes de candomblé (Foto: José Pedro Monteiro / Agência O Dia)

Fonte: Pragmatismo Político (2022)¹⁵

A Figura 4 exemplifica um episódio de intolerância religiosa sofrida por uma menina, em sua volta para casa:

Figura 4 – Menina é vítima de intolerância religiosa

¹⁵ Disponível em:

<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/09/aluno-e-proibido-de-estudar-por-usar-trajes-candomble.html>. Acesso em 09 jul. 2022.

16/06/2015 12h56 - Atualizado em 16/06/2015 15h58

Menina vítima de intolerância religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada

Criança é do candomblé e foi agredida na saída do culto.
Avô iniciou campanha na internet e recebeu apoio de amigos.



Fonte: G1¹⁶

Os casos em epígrafe retratam uma realidade vivida por vários jovens dentro e fora do ambiente escolar, realidade esta que é fruto do desconhecimento sobre uma cultura que está inserida nas mais diversas camadas da sociedade. É por este motivo que este trabalho se propõe a debater as diversas realidades existentes na sociedade com foco no ambiente escolar, por se tratar de um local que tem por objetivo a formação do cidadão em sua integralidade e o aspecto religioso aqui levantado se dá por aludir a um povo que frequentemente se esconde por medo de sofrer represálias simplesmente por exercer seu direito ao livre culto que lhes é garantido pela Constituição, como é possível apreciar nos trechos a seguir:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

¹⁶ Disponível em: <http://glo.bo/1J1LQXI>. Acesso em: 09 jul. 2022.

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; (CONSTITUIÇÃO, 1988, documento online, grifos nossos)

O debate aqui proposto visa criar um espaço respeitoso entre as diversas manifestações culturais e de fé que existem em um ambiente de ensino, culminando em posturas que agreguem e que ressaltem os pontos comuns entre os estudantes independente de etnia, gênero, posição social ou fé. Reflete-se ainda que o ensino das ciências não se limita às matérias básicas e que este se desenvolveu da constante prática do pensamento e dos debates acerca de ideias que levaram às grandes descobertas que beneficiam a sociedade.

Além do desfecho imediato essa prática resultou e pode resultar na formação de pessoas capazes de propor soluções para os problemas que as cercam e que muitas vezes passam despercebidos em meio à rotina de uma sociedade de consumo que se desenvolve cada dia mais.

Quando abordado o processo educacional, não se deve abandonar os conhecimentos agregados na realidade de cada estudante, pois cada indivíduo ali é fruto de uma série de ensinamentos que foram transmitidos ao longo da vida pela família, religião e realidade social o que culmina em uma gama variada de saberes que podem colaborar de maneira formidável para a formação de estudantes que muitas vezes desistem de maneira precoce dos estudos por não se sentirem parte daquele ambiente.

Assim, pode-se apresentar neste campo a obra didática *Exú nas Escolas*, proposto pelo babalorixá e professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) Linconly Jesus, com prefácio do babalorixá Rodney William e lançamento pelo Instituto Parentes.

A obra, de acordo com o próprio autor, atravessa o paradigma da educação tradicional e formaliza a necessidade e relevância da transversalidade de saberes para formação do jovem. Observa-se nesse sentido: Nós precisamos visualizar um outro referencial didático-metodológico que possa compreender a existência de crianças de terreiro, crianças periféricas, afirmando suas autonomias dentro do ambiente escolar. (JESUS, 2022)

A proposta da obra reflete preocupação direta com uma política educacional antirracista, entretanto, é importante ressaltar que a proposta não se baseia em uma aula de ensino religioso, trata-se de empoderar um universo que por muito tempo ficou adormecido e não fazia parte das estruturas educacionais do país.

Analisando a proposta da Obra, observa-se que a utilização de Exú (Bara) na escola, pode ser considerada sob o aspecto de outros autores que corroboram tal perspectiva sob a ótica antropológica. Isto posto, Areda (2008, p. 15) argumenta que:

Exu é aquele que promove uma circulação de símbolos que desestabiliza o léxico de alteridade, que sabota a estrutura a sabotar suas repetições e suas lógicas. Exu é aquele que mostra a historicidade do mundo e permite a agência, a resistência e a luta dos indivíduos. Exu é aquele que traz o acidente ao destino mostrando um conhecimento que se alinha às mudanças e às transformações. Exu é aquele que nos mostra uma possibilidade de crítica das subjetividades, uma recusa das identidades engessadas e uma liberação dos dogmatismos do pensamento que o faça a recuperar o seu movimento, a sua beleza, a sua poesia.

Estruturando-se que a educação faz parte da comunicação e que Esú trata justamente de comunicação, a escolha de tal orixá para caracterização de tal perspectiva educacional fortalece a necessidade de mais propostas metodológicas com esta temática.

Registra-se que esse alinhamento de teorias e práticas podem trazer um novo entendimento das ciências, permitindo uma maior aproximação com o letramento científico, o que fornece uma nova visão sobre a importância das pesquisas para aqueles que por razões diversas acreditam que elas se restringem a um universo distante da sua própria realidade. Para tanto, fica a reflexão por meio da charge abaixo (Figura 5):

Figura 5 – Charge sobre o ensino religioso nas escolas



Fonte: Nova Escola¹⁷

¹⁷ Disponível em: <https://bitly.com/HCTDad>. Acesso em: 09 jul 2022.

4.1 Propostas

Tendo em vista a complexidade do tema abordado neste trabalho e o caráter prático por trás deste, é importante que seja estruturado um plano de ações que permitam o pleno desenvolvimento do processo de ensino-aprendizado aqui apontado. Portanto, o texto a seguir visa apontar algumas ideias que podem ser executadas no ambiente escolar construindo o diálogo aqui proposto e proporcionando ao estudante uma nova possibilidade de aprendizado com viés prático e integrativo, valorizando a construção em âmbito coletivo, respeitando a criatividade como ferramenta para o autoconhecimento e a auto construção.

Dentre as ações possíveis destacam-se rodas de conversas com o objetivo de escutar a opinião que os estudantes possuem sobre a educação, a escola, as dificuldades encontradas no processo de aprendizado e as propostas para a melhoria de cada uma dessas situações.

Enquanto metodologia a história oral deve ser considerada e extremamente respeitada, nesse sentido:

Não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um ‘coração antigo’, isto é, se o futuro não se basear na memória do passado¹⁸.

Paralelo às rodas de conversa, pode-se propor atividades voltadas ao desenvolvimento emocional, visto que cada estudante está inserido em um contexto social que ainda que seja comum, é enfrentado de maneira individualizada o que afeta seu comportamento em ambientes públicos ou em situações de estresse, para tal, pode-se sugerir movimentos voltados à expressão artística, onde cada estudante receberá material para a elaboração de diários abordando temas relacionados ao seu cotidiano. Neste diário ele terá liberdade para expressar seus pensamentos e sentimentos por meio da escrita, de desenhos ou como achar adequado e sua privacidade será respeitada, visto que não será obrigatória a identificação do autor ou autora. A partir dos relatos obtidos por estes diários, seguirão uma série de debates sobre os temas de relevância ali contidos, prezando pela participação e inclusão do estudante nos referidos diálogos, com o objetivo de incentivar a comunicação e valorizar o direito à fala e à expressão.

Ressalta-se que para todas as propostas aqui apontados faz-se necessário a participação da comunidade escolar em vários níveis, portanto, o diálogo entre professores de

¹⁸ Distante, Carmelo. Memória e Identidade. Tempo Brasileiro (95). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992, p. 84.

diversas matérias, além da participação de profissionais da educação ligados às áreas pedagógicas se faz imprescindível para que os debates sejam orientados e os diversos aspectos individuais sejam observados; além disso, um trabalho executado de maneira coordenada pode gerar ações positivas no sentido de englobar os pais e responsáveis pelos estudantes no processo de desenvolvimento das ações, gerando maior interesse pela rotina escolar e pelo aprendizado como um todo.

Em concomitância com esta etapa, é importante desenvolver uma atividade relacionada às ciências e ao meio ambiente, para tal, os estudantes poderão escolher dentre algumas opções de projetos que serão sugeridas pelo professor e este projeto escolhido será escrito pelos estudantes, obedecendo os critérios acadêmicos a fim de ser colocado em prática. As opções ofertadas devem obedecer os critérios de serem desenvolvidas no meio ambiente, voltadas à melhoria do ambiente escolar, em parceria com algum ou alguns terreiros de candomblé, promover a valorização da cultura e a história deixada pelo povo africano para os dias atuais e deve ser de caráter coletivo, ou seja, deve seguir critérios de interdisciplinaridade e agregar alunos de diferentes faixas escolares.

Dentre as opções pode-se sugerir a elaboração de um banco de sementes com espécies de árvores sagradas, a elaboração de museus botânicos abertos à comunidade, onde não só o uso da planta mas seus mitos serão expostos para a apreciação pública, oficinas de bioconstrução com foco no ensino de técnicas e seus aspectos históricos, valorizando os trabalhos produzidos pelos povos africanos em diferentes épocas e regiões e elaboração de hortas-jardins seguindo os processos de permacultura no ambiente escolar, valorizando o uso de espécies diversas que podem ser utilizadas como fonte de alimento convencional, não convencional e remédios; juntamente com a promoção da cultura do povo de candomblé inserido neste espaço, por meio de trabalhos artísticos relacionados aos Orixás que ficarão em exposição.

A riqueza da memória consolida o trabalho e traz novas possibilidades a serem descobertas e trabalhadas. Infere-se que está na memória enquanto metodologia a riqueza da presente pesquisa:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial

porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.¹⁹

A memória se torna parte fundamental deste trabalho, pois a partir de relatos extraídos pelos estudantes sobre suas raízes é que será possível identificar os aspectos culturais que compõem o desenvolvimento daqueles jovens, é esperado que a partir do remontar da memória haja a descoberta de novos caminhos que propiciarão um novo olhar do jovem sobre o futuro e acima de tudo sobre as razões que estruturam seu presente.

4.2 Estudo Etnobotânico e Oralidade

As propostas acima apresentadas compreenderão as diversas etapas que visam a melhoria da qualidade do ambiente escolar, bem como, demonstram a importância que a educação possui de acordo com o olhar individual dos estudantes. Muito se debate a questão do distanciamento que há entre a linguagem científica e a população de modo geral, o que gera muitas vezes a ideia errônea de que a ciência está distante da realidade de grande parte da população. Um reflexo disso está na percepção que o estudante tem sobre a ciência, quando abordados sobre o tema, geralmente eles relacionam à coisas materiais e de alto nível de complexidade, ignorando muitas vezes o processo criativo que está por trás do desenvolvimento do saber científico.

Objetiva-se nesse sentido, colocar o estudante em contato com uma nova realidade sobre o tema, para que possa participar ativamente do processo de elaboração do trabalho, desde a fase de questionamento até a fase de execução propriamente dito. Para que tal empreitada possa ser executada, a participação da comunidade escolar deve ser estimulada, visto que matérias ligadas às escritas, além de história, geografia e outras serão de grande valia, pois o trabalho também abarca temas culturais ligados à história do candomblé, cultura Afro-Brasileira além da necessidade de conhecimento sobre escrita formal para a elaboração do projeto por escrito, que deverá obedecer às normas cultas de linguagem.

O trabalho etnobiológico poderá ser focado no desenvolvimento de horta-jardim em espaço escolar, cujo as espécies selecionadas para plantio terão usos diversos seja na obtenção de alimentos, seja na elaboração de remédios; aliados a isso, os alunos trabalharão em conjunto com a comunidade dos terreiros de candomblé para que haja a obtenção de

¹⁹ NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998. p. 218

mudas para plantio, levantamento dos mitos por trás das plantas a fim de compreenderem sua importância à comunidade, além de elaboração de materiais explicativos para a apreciação pública que ficarão expostos no espaço ali construído. Estes materiais poderão ser elaborados de formas variadas, cabendo ao estudante a escolha do método a ser utilizado. Ao professor, caberá o papel de mediador no processo, onde durante a execução deste, irá realizar a aplicação de sua matéria de acordo com o currículo escolar, porém com uma opção de inserção do estudante em um ambiente diferente do espaço fechado da sala de aula. Fatores como elementos artísticos serão valorizados na estruturação do espaço, visto que estes contribuirão para a composição do espaço comum.

Vale ressaltar que a proposta é trabalhar a educação ambiental e a oralidade, o que reflete na aplicação de conteúdo que aborda desde a ecologia até a noção de meio ambiente atrelada ao meio urbano, o que permite a participação de todos os estudantes visto que em cada fase escolar estes estão passando por diferentes etapas do aprendizado que poderá ser testado ali.

Para o trabalho sobre oralidade, é importante trabalhar o aspecto emocional por trás da fala, e para tal é interessante estimular o debate de temas que abrangem a realidade das crianças e adolescentes que ali se encontram, com o objetivo de aproximar os diferentes grupos de acordo com a percepção de realidades comuns à eles. Tendo o professor o papel de intermediador, a linguagem utilizada deverá ser clara e aliada ao máximo de exemplos práticos possíveis e os estudantes deverão ser estimulados a devolver o entendimento sobre o tema abordado em forma de algo prático. Para mais, é importante o estímulo de troca de ideias sobre os temas entre os próprios estudantes, sendo interessante que ocorram momentos de encontros entre turmas diferentes, a fim de propiciar a oportunidade de troca de aprendizado entre pessoas de diferentes faixas etárias e diferentes níveis de compreensão.

Além da melhoria do espaço, estabelece análise de como as atividades práticas e as formas de ensino aplicadas em espaços não formais dos terreiros de candomblé impactam na qualidade do aprendizado de crianças e adolescentes de regiões menos favorecidas.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa apresentada buscou construir um diálogo referente a possibilidade de utilizar da pedagogia existente em casas de candomblé alinhada ao ensino da etnobiologia para a promoção de um espaço de ensino dinâmico com enfoque na valorização dos saberes

populares, na busca de um melhor desenvolvimento escolar, proporcionando um local no qual diferentes pontos de vista são respeitados e valorizados.

Destaca-se que no desenvolvimento desta pesquisa foram encontrados diversos trabalhos voltados ao tema, mostrando a relevância do assunto além de indicar que há interesse em levar a discussão adiante. Porém, dentre os trabalhos acadêmicos desenvolvidos, verifica-se a necessidade de mais resultados práticos, mostrando assim a importância de maior aprofundamento no sentido de tornar o universo acadêmico proposto em realidade prática na educação básica.

Com relação ao primeiro capítulo, foi possível observar a relevância que a oralidade possui como ferramenta de ensino nas comunidades de candomblé, propiciando meios acessíveis a todos na construção do saber. Também, foi permitido estabelecer maior contato com a realidade das casas de candomblé fazendo alusão aos aspectos formativos, hierárquicos e pedagógicos que são norteadores da doutrina religiosa em análise.

Concluiu-se no segundo capítulo a existência de uma relação entre o meio ambiente e a religiosidade, no qual mostrou-se que tal vínculo é fundamental no sentido de preservar a sacralidade da comunidade religiosa. Ainda, foi possível verificar a relação entre as diferentes formas de pensamento que elaboraram a construção da taxonomia e da botânica enquanto ciências, fazendo alusão aos aspectos ligados à construção dos conhecimentos do povo Yorubá sobre o mesmo tema, mostrando a importância da fala no processo da manutenção das tradições e saberes que são passados entre as gerações.

O terceiro capítulo, aprofundou-se na questão da realidade social enfrentada pelos jovens adeptos do candomblé, demonstrando a necessidade premente de se debater o assunto no sentido de promover políticas voltadas à reinserção dessas crianças e adolescentes a um contexto onde elas estejam seguras no que tange à violência sofrida por atos de intolerância religiosa. Abordou-se, também, a possibilidade de elaboração de projetos ligados ao meio ambiente que podem gerar parcerias duradouras com o intuito de proporcionar real aproximação cultural, proposta enriquecida com a análise da Base Nacional Curricular Comum.

A partir de análises efetuadas nos textos, percebeu-se a possibilidade de fazer um alinhamento entre a pedagogia de uma casa de candomblé e o ensino das ciências, desde que se observe os aspectos fundamentais ligadas às matérias concernentes às ciências pois os terreiros proporcionam um campo de estudo prático e de baixo custo.

Além disso, o uso da oralidade como ferramenta de ensino e a possibilidade dos

alunos fornecerem elementos para a construção da pedagogia possibilitam uma melhor interação entre o estudante e a metodologia, o que pode resultar no estímulo da curiosidade e criatividade que são fundamentais para o processo de experimentação que é um dos pilares do aprendizado. Associado a isso, vislumbra-se a possibilidade de um novo posicionamento por parte dos estudantes frente a assuntos polêmicos e de difícil debate. Essa possibilidade surge do impulso que o estudante recebe a partir da troca de informações que permitem uma reafirmação do seu ser social, garantindo um novo olhar sobre sua realidade e seu papel como cidadão consciente e atuante.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizadas literaturas variadas, dando foco às produções acadêmicas de diversos mestres e doutores de diversas áreas do conhecimento. A escolha dos autores se baseou na relevância de suas obras para o tema às quais eram direcionadas. Observou-se também se havia relação entre as diferentes linhas de pensamentos, principalmente por se tratar de uma pesquisa que originou-se do cruzamento de assuntos que estão em constante debate, ciência, educação e religião e se essa relação poderia ser trabalhada de maneira imparcial com o objetivo de suscitar o questionamento obedecendo o ponto de vista educacional.

Existem diversas possibilidades de dar continuidade a este estudo, visto que este gira em torno da proposição de projetos, e acredita-se que uma abordagem prática nas escolas do município, em colaboração com as casas de candomblé existentes na região além de fortalecer o vínculo social, norteia a formação cidadã através do conhecimento e do respeito construído dessa relação.

REFERÊNCIAS

AREDA, Felipe. **Exu e a reescrita do mundo**. Revista África e Africanidades – Ano I, n. 1, mai. 2008. p. 18 Disponível em:
http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Exu_a_reescrita_do_mundo.pdf . Acesso em: 09 jul. 2022.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. **Processo nº 4740**. Disponível em:
<https://antt.dglab.gov.pt/pesquisar-na-torre-do-tombo/pesquisar-no-digitarq/>

ASHOGUN, Aderbal Moreira. **Oku Abo: Espaço Sagrado**. Fundação Palmares. 2013. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/lapsiafro/forum2013/cartilha.pdf>. Acesso em: 09 jul 2022.

Base Nacional Curricular Comum. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

BENISTE, José. **Òrun Àiyé: o encontro dos dois mundos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. **Constituição da República do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 15 mai. 2022. (exemplo).

_____. **Lei que Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 09 jul. 2022.

CLAUSSE, Arnould. **A Relatividade Educativa**. Livraria Almedina, Coimbra, 1976. p.11

CAPUTO, Stela G. **Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com as crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: FAPERJ e Pallas, 2012.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Disponível em:

https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSmdlHV4y99r50a0fLe72o2f8xTEGGI3lccs_iX2vDJ3JH3LEuM2B82O-auNQ15x0z6B-s&usqp=CAU. Acesso em: 15 mai 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (Org). **História da África Geral I: metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980.

JAEGER Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira, 4.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 23-24.

JESUS, Linconly. **Exú nas Escolas**. Disponível em: <https://lunetas.com.br/exu-nas-escolas/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

LIMA, Miguel. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro**. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/mo_nografia/3lima_miguel_nonografia.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2022.

MACHADO, Vanda. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. Salvador. 2015.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. **VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador - BA, 2010. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24929.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

MAPEAMENTO CULTURAL. Disponível em: <https://imagens.ebc.com.br/IREftNQxc3FmYzoKM2uHYGL7YpU=/365x0/smart/https://agenciabrasil.ebc.com.br/sites/default/files/thumbnails/image/oxossi.jpg?itok=CH1nUHi0>. Acesso em: 23 mai 2022.

MARCUSSI, Alexandre de A. **Candomblé**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/candombl%C3%A9.pdf?sfvrsn=0>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

MINTZ, Sidney; PRICE Richard. **O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica**. Rio de Janeiro: Pallas e Universidade Cândido Mendes, 2003.

ORO, Ari Pedro. **As religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 9, jan./jun. 2012

PARÉS, Luis N. **A formação do candomblé: história e ritual da Nação Jeje na Bahia**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

POSEY, Darell. **Etnobiologia: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, Finep, 1986. p.15

Presente de Mãe Stella para Iemanjá serão cânticos em 2016. Disponível em: <https://bahia.ba/salvador/presente-de-mae-stella-para-iemanja-sera-canticos-em-2016/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

SANTOS, Maria S. de A. **Meu tempo é agora**. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIQUEIRA, Paulo. **Vida e Morte de Joãozinho da Gomeia**. RJ: Ed. Nautilus, 1971.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 239-240 abr. 2006.

VERGER, Pierre F. **Ewê: o uso das plantas na sociedade iorubá**. São Paulo: Odebrecht, 1995.

_____. **Os Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo**. 2. ed. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.